

SOLANGE FREITAS DE OLIVEIRA

**A DANÇATERAPIA
NA FORMAÇÃO DO DOCENTE EM FISIOTERAPIA**

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

UNICID

SÃO PAULO

2007

SOLANGE FREITAS DE OLIVEIRA

**A DANÇATERAPIA
NA FORMAÇÃO DO DOCENTE EM FISIOTERAPIA**

**Dissertação apresentada como
exigência parcial para a obtenção do
Título de Mestre em Educação junto
à Universidade Cidade de São Paulo
– UNICID sob orientação do Prof.
Dr. Potiguara Acácio Pereira**

UNIVERSIDADE CIDADE DE SÃO PAULO

SÃO PAULO

2007

COMISSÃO JULGADORA

DEDICATÓRIA

Dedico todos os esforços, os anos de estudo e dedicação, a força para continuar, a disciplina para ser interdisciplinar, a ousadia de mudar, a sensibilidade de olhar, a coragem de se perceber inacabada e perseverar, as descobertas que nos fazem desbravar, o medo de desistir, a angústia frente a novos desafios, enfim, aos encontros e desencontros embutidos na formação contínua a que cada um de nós está sujeito durante a vida, a uma pessoa que muito me ensinou sobre a arte de viver.

Dedico a fisioterapeuta que habita em mim hoje, a professora que nasce agora e desabrocha no amanhã, a esposa que se completa e complementa a cada dia, a mulher que surge para sempre, a mãe que se esforça para estar lá, a bailarina de toda a eternidade, a pianista do passado recordada no presente, a irmã saudosa e verdadeira que fui, a esta pessoa.

Uma pessoa que verdadeiramente conhecia o valor de um sorriso e a ternura de um olhar. Alguém que não precisava de palavras para dizer que amava. Alguém que sem emitir qualquer gesto sabia expressar o que gostaríamos de dizer a um filho e não conseguimos. Alguém capaz de viver em condições completamente diferentes da nossa e que com toda certeza tinha mais conhecimento da vida do que nós todos. Alguém perfeito que parecia imperfeito aos olhos de quem não conseguia enxergar além das fronteiras. Alguém real que hoje se apresenta escondido em um simples nevoeiro, que não nos separa, mas que nos faz sentir saudades...

Dedico toda a minha vida e contribuição acadêmica ao meu querido, inigualável, amado, insubstituível, verdadeiro, intenso, adorado e saudoso, irmão... Eduardo.

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente ao Ser maior que todo dia nos contempla com a luz do Sol e o frescor do luar; ao Ser maior que abençoa nossos caminhos e nos carrega no colo nas dificuldades. Deus, Nosso Pai e Jesus, Nosso Mestre.

Agradeço a oportunidade da vida e esta devo aos meus pais.

Mamãe, por todas as horas de atenção e dedicação, por verdadeiramente ter a certeza de que você sempre estará lá, no momento certo e exato. Pela guerreira que me inspira, o meu muito obrigado.

Papai, pelo acreditar e investir sempre nos meus estudos, promovendo a mim oportunidades ímpares de crescimento. Pelo pai sorridente que levava a vida com simplicidade, pelo exemplo de homem trabalhador e esforçado que me inspira, pela saudade da convivência diária que sinto do homem que se transformou em meu pai, o meu muito obrigado.

Agradeço a conquista de uma família e esta devo ao meu esposo e meu bebê.

Meu querido, por todo o amor presente todos os dias em nosso lar; por todo carinho escondido atrás de gestos do dia-a-dia; por fazer de cada dia a construção de um sonho. Por toda compreensão frente às horas que abdiquei de nós para realizar esta pesquisa, o meu muito obrigado.

Meu bebê, por promover um momento de imensa alegria e benção, carregado de pura emoção, pois agora sou mãe, por me inspirar na escrita

desta pesquisa e permitir-me ser criativa em dobro. Como foi emocionante ver o rosto da minha menina, da minha Suellen. Sinto um amor imenso e incondicional por você. Muito Obrigado.

Agradeço a construção de quem eu sou, e esta devo a toda a minha família, e em especial aos meus avós, José e Rosa.

Meus queridos, por todos os momentos em que caí e vocês souberam me levantar. Por acreditarem na voz de meu coração que clamava em ser fisioterapeuta. Por se orgulharem da minha profissão Docente emanando sempre muita luz. Vô seguirei seus ensinamentos, o meu muito obrigado.

Agradeço a bailarina que sou, e esta devo a todos os meus professores e amigos do Studio de Dança Beatriz Betcher.

Minhas queridas, por me fazerem compreender o valor da dança em minha vida e na vida de meus pacientes. Por fazerem de minha vida um grande palco, repleto de garra e vitalidade, e principalmente pelos grandes laços de amizade que nos tornam irmãs, o meu muito obrigado.

Agradeço a professora que hoje sou, e esta devo a muitas pessoas...

Primeiramente, ao querido coordenador e amigo, Prof. Paulo Heraldo. Por toda luta na construção do Ensino da Fisioterapia, assim como, do reconhecimento da profissão. Por ter acreditado que uma aluna poderia se transformar em uma Docente, atitude digna de um Mestre. Por confiar em meu trabalho e me permitir edificar ao lado de todos os Docentes, a formação dos fisioterapeutas da Universidade Cidade de São Paulo, o meu muito obrigado.

Agradeço à Universidade Cidade de São Paulo, dizendo que muito me orgulho desta casa e que sempre lutarei por ela.

Agradeço aos meus Mestres da Graduação em Fisioterapia, por todos os ensinamentos e dedicação, em especial a Profa. Rosângela Vinhas e ao Prof. Gregório Pugliese, por sempre me acompanharem em meus maiores desafios, não medindo esforços para me guiarem na caminhada, o meu muito obrigado.

Agradeço a construção de meus sonhos Docentes, e esta devo a minha grande parceira e irmã de coração, Profa. Luciana Andrioti.

Lú, por todas as horas de trabalho, por tudo que construímos e que iremos construir juntas, por cada desafio edificado dentro da sala de aula, por todas as palavras de coragem, pelo amor de irmã que sentimos, o meu muito obrigado.

Agradeço o meu crescimento profissional, e este devo aos meus queridos alunos.

Meus queridos, por todas as vivências saboreadas a partir do primeiro dia de aula e alimentadas pela convivência, que vai desde a sala de aula e se estende por diferentes caminhos; por toda a gratidão que tenho por me permitirem acreditar na construção digna da Fisioterapia, o meu muito obrigado.

Agradeço o prazer de ser Fisioterapeuta, e este devo aos meus pacientes.

Meus queridos, por todas as dificuldades do percurso, por cada olhar, toque e sorriso trocados, por cada passo conquistado em muito suor, e principalmente por confiarem em minhas mãos suas esperanças, o meu muito obrigado.

Agradeço a honra do primeiro trabalho como Fisioterapeuta, e esta devo a Escola Takeda e uma querida amiga, a Ft. Lúcia Minei.

Agradeço a alegria de conviver na Escola Takeda e esta devo a uma grande amiga, Margareth Moreira de Souza.

Maga, não sabes o valor do teu sorriso em cada dia de trabalho, como é bom poder estar ao teu lado durante estes anos todos. Por sempre acreditar em meu potencial, e pelo amor de irmã que sentimos, o meu muito obrigado.

Encerro meus agradecimentos com chave de ouro, homenageando todos os Mestres construtores desta minha jornada, deixando uma palavra que resume o que aprendi com cada um de vocês, através de suas histórias, exemplos e ensinamentos.

A Profa. Sylvia Helena. Obrigado pela seriedade de tuas palavras e atitudes, és uma grande guerreira, te admiro muito.

A Profa. Ecleide Furlanetto. Obrigado pelos sonhos que me concebestes e pelas emoções de tua disciplina, tu bem sabes a importância dela em minha vida.

A Profa. Célia Haas. Obrigado pela força que me inspiras através de sua coragem e ousadia, sentirei saudades.

A Profa. Ivani Fazenda. Obrigado pelo olhar cuidadoso que ensinastes a ter frente o ensino, que eu saiba praticar cada vez mais a interdisciplinaridade.

Aos Profs. João Gualberto, Helena Peterosi e Ana Gracinda. Obrigado por acreditarem na construção deste Mestrado e colaborarem a distância para a minha Formação Docente.

Aos Profs. Jair Militão e Edileine Machado. Obrigado pelos primeiros momentos, por esclarecerem tantas dúvidas e me apresentarem o Mestrado que mudaria a minha vida.

A todos os meus amigos do Mestrado. Obrigado por cada momento vivido, uma parte de cada um de vocês, hoje, também faz parte da minha formação. Aprendemos muito, mas também ensinamos muito uns aos outros...

Com todas as Honrarias e Retribuições dignas de um Mestre, agradeço ao Prof. Dr. Potiguara Acácio Pereira, meu orientador.

Querido professor, palavras são necessárias para agradecer todo a sua dedicação e esforço, pois você sempre esteve ao meu lado. Ao longo deste caminho, nós elaboramos nossas convicções e em meio a tantas conversas, fizemos idealizações, prevemos, supusemos e fantasiámos sobre a Educação.

Caminhos bonitos e repletos de significados, que agora estão configurados em forma de pesquisa, acho que devemos nos orgulhar disto.

Porém, nada disto seria possível sem a sua humildade e prazer de ensinar. Suas atitudes em sala de aula sempre me fizeram crer que você ama o que faz. Te admiro muito, por isto resolvi te descrever o que aprendi.

Aprendi que para ser mestre, é preciso ser companheiro e ao mesmo tempo olhar de longe, para no final vibrar com as conquistas de cada um de nossos alunos.

Aprendi que *“devemos valorizar os erros dos nossos alunos, pois o que eles já dominam, não inspiram desafios”*.

Aprendi que *“pedagogia deve ser sempre pedagogia de sujeitos”*.

Aprendi que *“é preciso que cada um se construa sujeito e se reconheça sujeito, e que para isto, é preciso querer”*.

Aprendi que *“cada sujeito é um Eu”*.

Aprendi que *“a realidade é, e ninguém muda. O problema está em como olhamos esta realidade”*.

Aprendi que *“se você buscar ajuda em você, você tem respostas”*.

Estas são lições que jamais esquecerei em minha vida...

Obrigado por tudo...

Sua aluna

RESUMO

A Dançaterapia, como recurso e sua relevância na Formação do Docente em Fisioterapia, constitui a intenção primeira desta pesquisa.

Para tanto, a autora tem, como pano de fundo, o cenário da Fisioterapia e o contexto da Formação docente na área da Saúde, obtidos por análise documental.

Em busca de seu objetivo, a autora percorre vários caminhos, dentre os quais a importância da Formação Docente, a atitude interdisciplinar na construção do “Ser Professor” e a proposta do ensino de alteridade de Byington.

Trata-se de uma história de vida dedicada a redimensionar o conceito de corpo no reabilitar através da arte, cuja missão maior é a humanização da Fisioterapia.

ABSTRACT

The primary aim of this research is dance-movement therapy as a therapeutic resource and its relevance for the training of the Physiotherapy teacher.

To this end, the author has the Physiotherapy scenario and the context for teacher education in the health area as background, which is obtained through documental analysis.

In search for her goal, the author goes through several ways, among which the importance of teachers' educational background, the interdisciplinary attitude to build the idea of "being a teacher" and the proposal of the alterity teaching method by Byington are considered.

It is a question of a life history dedicated to redimensioning the concept of body when rehabilitating through the arts, and whose main mission is to humanize Physiotherapy.

SUMÁRIO

RESUMO.....	
ABSTRACT.....	
INTRODUÇÃO.....	01
1. AS CORTINAS QUE SE ABREM.....	05
2. A DANÇA	22
3. A DANÇATERAPIA PARA A FISIOTERAPIA.....	38
4. A DANÇATERAPIA NOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO.....	57
5. CONCLUSÃO.....	80
REFERÊNCIAS	82

INTRODUÇÃO

O sonho de ser docente acompanhou-me desde a graduação. Os ideais de mudança e os projetos construídos durante o curso direcionaram-me a conquistá-lo.

Quando me tornei docente, estava realizada, porém, insegura. Sentia falta de conhecimento nas questões pedagógicas e por sempre me cobrar uma responsabilidade maior diante de meus alunos, alguns questionamentos surgiram.

Não tive contato com planos de ensino e grade curricular. Não me sentia preparada para discutir educação. O que me possibilitava a docência era o meu desejo.

Decidi fazer o Mestrado em Educação e buscar soluções plausíveis aos meus questionamentos. Ao ouvir falar em Interdisciplinaridade, não imaginava a sua importância e muito menos conhecia sua amplitude.

Então, em um plantão de dúvidas sobre o projeto de pesquisa, o Prof. Jair Militão me indicou duas leituras: *Interdisciplinaridade – qual o sentido?*, de Ivani Fazenda, e *Como nasce um professor?*, de Ecleide Furlanetto.

Fiquei encantada com tudo o que li e aprendi. Os livros trouxeram a certeza de que minhas crenças sobre o verdadeiro ato de educar estavam no rumo certo.

Deixei-me conduzir pelos escritos das autoras. Referiam-se à Ética e à Estética na Educação, ao desvelarem a influência de nossos professores em nossas ações e ao discutirem sobre a atitude interdisciplinar.

Sentia que meus pensamentos se encontravam com seus textos. Deixavam minhas incertezas e medos de lado. Compreendia o verdadeiro sentido do termo parceria. Depois disso, não tive dúvidas em escolher o Mestrado em Educação; afinal, eu me tornaria uma educadora.

Muitos profissionais da Fisioterapia me criticaram, pois acreditavam que este tipo de conhecimento seria dispensável, não mantinha relações com a área da saúde e, portanto, em nada contribuiria para a minha prática profissional. Hoje, compreendo o teor daqueles discursos, pois eles olhavam de um só lugar.

Asseguro que todos se enganaram, porque aprendi muito no Mestrado, principalmente a visão para além dos limites disciplinares do conhecimento; um olhar que identifica fronteiras e sabe conviver no espaço entre elas.

Na verdade, não condeno tais discursos, pois somente minha passagem por esta nova área de conhecimento permitiu a constatação de sua importância, embora já compreendesse, à distância, sua contribuição.

Quando conversei com professores de Fisioterapia, que passaram pelo mesmo Mestrado e li suas dissertações, tive a certeza de que estava no caminho certo, principalmente porque eles relataram a transformação que o Mestrado havia proporcionado.

A elaboração da pesquisa permitiu-me não somente relembrar os fatos que marcaram minha formação, mas também, refletir sobre minha prática docente, elaborar novos caminhos e sentir novas emoções.

Asseguro que é um sentimento bom, pois identifiquei inúmeras possibilidades de desenvolver o ensino da Fisioterapia em sala de aula.

A descoberta do tema de pesquisa surgiu quando resolvi “abrir as cortinas” e percorrer o tempo. Uma somatória de tudo que vivenciei durante minha formação pessoal, acadêmica e profissional, agregada às experiências do Mestrado.

Assim, escolhi como tema de estudo a Dançaterapia. Com certeza, ela teria muito a contribuir para a Formação Docente do Fisioterapeuta. Assim, me perguntei de que maneira a Dançaterapia poderia redimensionar o conceito de corpo na formação do Docente de Fisioterapia.

Corpo entendido no sentido de descoberta e reencontro, que se faz arte ao unificar emoção e razão, no tempo e no espaço, sem apontar limites.

É preciso vivenciar e se entregar à sensação do corpo para aceitá-lo como ele é, sem parâmetros do que é certo ou errado. Simplesmente, vivê-lo.

Um modo diferente de produzir conhecimento. Vivências corporais são valiosas para o aprendizado dos docentes, na medida em que os reconhece como sujeitos e os faz reencontrar o corpo quando estes refletem sobre suas vivências.

O procedimento metodológico adotado para a concepção desta pesquisa foi à história de vida e análise documental.

Por isto, a coleta de dados obedeceu ao estabelecido pela análise documental enquanto técnica e coleta de dados.

No primeiro capítulo, descrevo a minha história de vida, quando abro as cortinas de um tempo que deixou marcas e saudades. Ao reviver minha

graduação, deparo-me com valores que me construíram e ganho certezas sobre o meu querer.

No segundo capítulo, preencho-me de encanto da arte, adentro em minha essência para descrever o que a dança me ensinou e identifico porque foi preciso realizar este processo de encontro entre a pesquisa e minha história de vida. Ganho forças em compreender que a história de vida é um importante procedimento metodológico na construção do sujeito.

O terceiro capítulo desvela um cenário em construção, a Fisioterapia. Descrevo a história da profissão e de seu ensino, agregadas às leituras sobre interdisciplinaridade, ao ensino sobre a alteridade e às contribuições da Dançaterapia na construção de um novo conceito de corpo na Fisioterapia.

No quarto capítulo, reflito sobre a arte de formar professores, ao relatar a importância da formação docente na área da saúde e a beleza da atitude interdisciplinar no ensino. Encerro o capítulo com as contribuições da Dançaterapia nos espaços de Formação Docente do Fisioterapeuta.

Muitos valores estão embutidos quando se raciocina sobre a própria formação e a de nossos alunos; é preciso refletir muito mais sobre o ato de ser professor; e isto aprendi durante a passagem pelo Mestrado.

CAPÍTULO I

AS CORTINAS QUE SE ABREM

Com muita emoção e entusiasmo, vou me referir a um acontecimento que conduziu e conduz minha vida profissional.

Abro as cortinas de um tempo recheado de sonhos e expectativas, no qual uma estudante universitária aspirava ser fisioterapeuta.

Remeto-me ao ano de 1998, quando ingressei no Curso de Fisioterapia, na Universidade Cidade de São Paulo - UNICID.

Confesso que o contato com a Fisioterapia acontecia desde os meus sete anos. Eduardo, meu irmão, teve uma deficiência durante a infância e precisou muito de cuidados. Por isso, convivi frente a frente com a Fisioterapia, vibrei com cada conquista obtida, por meu irmão, em seu desenvolvimento motor. Era um gostoso sabor de vitória.

Assim, a frase “poder ajudá-lo” transformou-se em “dever ajudá-lo”. Por isso, iniciei o curso com o coração repleto de esperança e alegria. Na verdade, eu tinha uma certeza: o “dever” ajudar meu irmão alimentava meu desejo de estudar, e estudar cada vez mais.

Acompanhar meu irmão em suas sessões de Fisioterapia possibilitou-me diferentes emoções frente ao preconceito e ao descaso de muitos profissionais. Por este motivo, decidi ser uma fisioterapeuta de olhos mais atentos aos pacientes; mais humana em meus atendimentos.

Ingressei na Universidade com uma atenção especial para a Neurologia, suas patologias e tratamentos. Admirava esta área da Fisioterapia e, ao mesmo tempo, observava Eduardo para fazer correlações; sentia vontade de inovar em seu tratamento.

O primeiro ano do curso era constituído de disciplinas básicas, tais como Anatomia, Bioquímica, Histologia, que, sem dúvida, são fundamentais ao processo de aprendizagem, porém, não eram voltadas diretamente para a Fisioterapia, exceto Fundamentos e História da Fisioterapia.

Para minha frustração, esta disciplina não teve um andamento linear. Ficamos muito tempo sem aulas; tivemos quatro professores ao longo do ano. Pairava no ar a sensação de que esta disciplina não era muito desejada pelos professores.

Recordo-me que desejava discutir mais a profissão; tirar dúvidas sobre as áreas de atuação, pois conhecia de perto somente a Neurologia. Eram coisas simples de serem esclarecidas; bastava um fisioterapeuta para nos ensinar; alguém disposto a dialogar.

Poderíamos ter assistido à vídeos, filmes ou, até mesmo, acompanhado atendimentos na Clínica da Universidade. Eu queria saber sobre o contato com os pacientes, se poderíamos inclusive conversar com eles. Dúvidas de uma aluna ansiosa por conhecer mais sobre a futura profissão.

Esta ansiedade fazia parte daquele momento; os alunos sentiam este desejo e isto era bom; caracterizava-se pelo brilho do olhar de cada um de nós, pois era o brilho do encontro com a profissão.

Idealizei, sozinha, as correlações que procurava fazer ao observar meu irmão, isto é, sem o suporte de um professor. Meus colegas muitas vezes

foram vê-lo em suas sessões de fisioterapia, porque faltavam oportunidades dentro da Universidade. Faltava um olhar mais atento dos nossos docentes frente aos nossos desejos.

O futuro da profissão é fruto de sua história, evolução e conquistas. Desta forma, nunca entendi o desprestígio da Disciplina Fundamentos e História da Fisioterapia. Nunca compreendi o desprezo dos docentes mais experientes e passei a compreender o porquê de docentes iniciantes a lecionarem.

Senti falta de dialogar com um professor amigo; alguém disposto a me ouvir, para saber um pouco mais de minha vida. Quando eu entrei na Universidade, eu já sabia o que queria e em nenhum momento alguém se importou em ouvir minha história de vida; em descobrir o sonho que eu trazia para compreender o meu querer.

Então, sozinha, já no segundo ano, comecei a visitar a Clínica da Universidade, nos setores de Neurologia, adulto e infantil, para observar e conversar com os alunos do quarto ano.

Para meu grande espanto, ao conversar com os “futuros fisioterapeutas” decepcionei-me com seus relatos. Muitos diziam que era um campo de trabalho de muito desgosto, pois os resultados nos tratamentos eram lentos e muitas vezes impossíveis.

Isto, em verdade, é um reflexo das grandes lições que aprendemos na escola: a busca por resultados.

Trata-se da supervalorização do acerto e da negatividade do erro. É a busca incessante pela nota máxima que aprendemos desde cedo como a única

forma de destaque; e se esta não for alcançada, com certeza nosso trabalho falhou e não podemos errar.

Alguns alunos chegavam até a questionar a verdadeira razão de continuar atendendo um paciente que sofrera uma lesão há quinze anos. Compreendi que um olhar de descaso se espalhava, além de um pensamento de compaixão.

Alguns alunos, diferentemente, sentiam-se culpados por não conseguirem fazer algo de construtivo pelo paciente. Outros, porém, me diziam que depois de formados não trabalhariam nesta área, pois ela não conferiria uma situação financeira estável. Por conta dessas observações, comecei a questionar o que fazer para modificar esta impressão dos alunos do quarto ano.

Conversei com os professores da Neurologia e eles me disseram que o interesse dos alunos por esta área era pequeno. Primeiro, porque era difícil; exigia muito estudo; depois, porque os ganhos dos pacientes eram lentos e isto exigia muita paciência dos alunos. Era diferente da ortopedia, por exemplo, onde as altas eram constantes e uma sensação de conquista era sentida pelos alunos.

Refletir sobre os fatos observados conduziu-me a pensar no verdadeiro significado da profissão: reabilitar o corpo e devolver ao paciente suas esperanças. Auxiliá-lo a conviver com as dificuldades, dentro de uma postura ética, é algo muito precioso e nos diz muito mais do que contarmos o número de altas para acreditarmos no sucesso da terapia.

O sucesso da Fisioterapia está na parceria e lealdade com o paciente; na relação de confiança e respeito que construímos ao longo do caminho.

Lembro que me senti muito pequena frente às mudanças que sonhava na área da Neurologia; não queria aquele pensamento de compaixão frente aos pacientes com deficiência; queria que todos se sentissem pacientes por um dia, para que entendessem quais sentimentos são vivenciados do outro lado.

Infelizmente, no decorrer do segundo ano, não pude visitar mais a Clínica. A diretoria do curso naquela época era autoritária, nada compreensiva e com os objetivos distantes das necessidades dos alunos - voltados para interesses estritamente pessoais.

Incentivar os alunos, permitir observar atendimentos e levantar questionamentos é parte do processo educativo do aluno, mas naquele momento a diretoria não pensava deste modo.

Felizmente, o segundo ano é repleto de aulas práticas. Nele estudamos uns com os outros e, assim, o vazio era preenchido e o sonho de alcançar logo o quarto ano me alimentava, pois o contato direto com o paciente aconteceria nesta fase.

O terceiro ano, quando começou, me permitiu entrar em contato com as diversas áreas de atuação da profissão, com uma visão muito mais abrangente. Meu desespero era fazer correlações com os anos anteriores; era lembrar a teoria dos anos passados para complementar com os conceitos novos.

Eu estava maravilhada por entrar em contato mais próximo com a realidade da profissão e ao mesmo tempo ansiosa, pois o quarto ano estava muito próximo. Esta fase do curso foi muito marcante em minha vida; recordo-me da satisfação de estudar.

O terceiro ano foi o mais difícil de todos, por sua complexidade e grau de exigências, principalmente porque a maioria de nossos professores são

também nossos supervisores do quarto ano e nos transmitem a realidade dos atendimentos e da situação econômica dos pacientes.

No quarto ano a realidade. O encontro tão desejado com a profissão e o contato constante com os pacientes. Eu era crítica e extremamente responsável, o que me conferiu momentos de muita angústia. Como fui uma aluna esforçada no terceiro ano, fui cobrada de modo errado, tive de ouvir palavras desnecessárias, que nada contribuíram para meu crescimento profissional.

Queria chegar ao ideal que sonhara, quando entrei na Universidade; queria transformar o atendimento neurológico e, por ser bailarina, utilizar a Dançaterapia em meus atendimentos e, por isto, fui muito questionada.

Questionavam-me sobre o porquê do contato próximo com os pacientes e o porquê da dança em meus atendimentos e, talvez, se eu tivesse tido a oportunidade, que somente alguns docentes me promoveram, de esclarecer meus ideais e sonhos, tudo teria sido diferente.

Por isto, o contato mais próximo com o aluno, desde o primeiro ano, permite que enxerguemos potenciais escondidos e alimentemos sonhos. Não sabemos quantos deles serão docentes um dia. A história do aluno no processo educativo deve ser respeitada.

A disciplina Metodologia Científica e Estatística também muito me intrigou. Não compreendia sua função; nada foi dito sobre a importância da pesquisa para o nosso futuro profissional; apenas que seria importante para o trabalho de conclusão de curso. Isto se soma ao fato de ela ser lecionada somente no primeiro e quarto anos.

Hoje, compreendo a importância da pesquisa para a profissão, mas naquela época, não tinha este olhar. Além do que a docente era severa e distante; não permitia maiores esclarecimentos sobre nossas dúvidas, o que nos conferiu uma grande perda.

A pesquisa científica edifica a profissão e o ensino; faz parte de cada disciplina e não se restringir a uma delas. Os alunos devem ser levados à biblioteca para aprenderem como fazer pesquisa; artigos devem ser estudados e outros devem surgir dentro da sala de aula, com sua conseqüente publicação.

O incentivo à pesquisa pode fazer parte do dia-a-dia do aluno para que ele compreenda sua importância e aprenda a contribuir com seus projetos para as transformações da profissão.

As emoções relatadas ainda são sentidas ao reviver estes momentos. Minha graduação foi marcada pela ambigüidade de ser e não ser compreendida, o que fazia jus à gestão daquele tempo.

Remeto-me a este tempo, porque sem dúvida muito do que sou hoje faz parte deste passado não tão distante.

Recordar o tempo da graduação me faz sentir realizada, pois, hoje, percebo que reuni as diversas contribuições que recebi de todos os docentes responsáveis pela minha formação e construí uma profissional segura que investe em seus sonhos.

Asseguro que muito aprendi também com meus pacientes e suas conquistas. Procuro estar próxima e atenta a seus sinais, além do que a Dançaterapia continua fazendo parte de meus atendimentos e digo que sou realizada por a ter estudado durante a graduação.

Um outro sonho também fez parte de minha formação, mais precisamente durante o segundo ano. Sentia necessidade de ter um professor para me encaminhar e conduzir comigo os projetos com os quais eu sonhava; alguém disposto a ouvir minha história.

Emociono-me ao lembrar do momento em que me encontrei com uma docente que me encantava. Suas aulas eram especiais. Ela tinha o dom de lecionar, sempre nos proporcionava vivências, para nos fazer entender o que realmente era ser um fisioterapeuta.

Ela é dona de uma sensibilidade, amor e humildade que poucos docentes têm. Ela me inspirou e se hoje busco ser uma docente diferenciada foi dela o exemplo.

Resolvi procurá-la para discutir minhas idéias e o sonho de um projeto, mas não sabia ao certo sua resposta. Sabia que com toda certeza, ela me ouviria. Mais uma vez me emociono ao recordar, porque quando fui ao seu encontro, ela estava assistindo a uma fita de Dançaterapia. Tive a resposta de que eu precisava. Rosângela Vinhas foi a docente com a qual eu construí uma grande parceria.

Construímos o Projeto de Dançaterapia para os pacientes; uma experiência incrível. Passamos a entender que a Fisioterapia precisava de mudanças; o corpo não poderia ser visto como algo a ser “consertado” e sim a ser “trabalhado”.

Infelizmente, devido à gestão daquela época, a diretora não aceitou a continuação do projeto; alegou falta de espaço físico, o que me fez buscar outros locais para continuar o meu estudo.

Em meio a este projeto, surgiu-me o primeiro desafio. Uma linda menina de quatorze anos, amiga de meu irmão, gostaria de ser bailarina e sua mãe propôs que a ensinasse. Afinal, Bruna estava cansada de fazer fisioterapia, sem que os resultados aparecessem.

Aceitei o desafio. Começamos a trabalhar: Bruna, uma amiga, fisioterapeuta e bailarina, e eu. Bruna começou a evoluir; seu corpo “fechado” e pouco desenvolvido passou a crescer. Passou a falar frases mais longas, a opinar na escola e, até mesmo, a psicóloga de sua instituição veio assistir à aula para saber o que fazíamos, pois ela “era” outra pessoa.

Até hoje, dançamos as três e Bruna nos surpreende a cada ano, seu sorriso nos alimenta.

Quando percebi o que havia acontecido com Bruna, decidi-me: eu não iria encerrar minha graduação sem oferecer uma oportunidade aos meus colegas de sala de vivenciar a Dançaterapia e sua contribuição para a Reabilitação.

Felizmente, no último ano de minha formação a direção do curso de Fisioterapia foi substituída e assumiu o Prof. Dr. Paulo Heraldo Costa do Valle, que me encorajou a encaminhar um novo projeto, na verdade, um grande evento.

Organizei o “Encontro Nacional de Dança sobre Rodas”, na Universidade, e concretizei o meu sonho. O evento era composto por aulas com as diferentes técnicas de Dançaterapia e finalizava com uma apresentação de todos os grupos de Dança sobre Rodas.

Reuni no evento pessoas importantes e conhecedoras da prática: Rosângela Vinhas, Ieda Maria Maya, professora que me formou

dançaterapeuta, e Rosângela Bernabé, introdutora da dança sobre rodas no país, que veio especialmente do Rio de Janeiro para o evento.

A emoção do evento foi indescritível. Eu olhava alunos e pacientes dançando juntos e ficava admirada; os alunos não conseguiam exprimir com palavras o que vivenciavam.

Infelizmente, poucas pessoas puderam se beneficiar da beleza deste dia, mas uma certeza pulsava: a neurologia poderia construir uma nova história, a partir destas vivências durante a formação do aluno.

Assim, encerrei minha graduação e realizei um sonho: SER FISIOTERAPEUTA e, por conseqüência, SER DOCENTE.

Para minha surpresa, o convite à monitoria no último dia de aula do quarto ano, pela professora Keity Nascimento. Eu participaria da disciplina História da Fisioterapia e promoveria vivências corporais aos alunos, para mostrar sua importância na formação do fisioterapeuta.

Fiquei feliz, pois iniciaria com os alunos o trabalho que eu tanto acreditava e preencheria a lacuna que tanto senti na disciplina, mas infelizmente por estar desempregada eu não tive condições financeiras de aceitar o convite. Mas, não desisti, decidi estudar e tentar novamente em outra condição.

Desta forma, parti em busca de emprego. Como todo recém-formado, enfrentei muitas crises, pois não se oferecem oportunidades; as exigências de cursos e técnicas eram e continuam muito grandes e o mercado não acolhe todos os profissionais.

Em março de 2001, recebi um telefonema de uma grande amiga, massoterapeuta, que me perguntou sobre o trabalho com Dançaterapia, pois

existia grupos de pacientes obesos e de terceira idade em uma clínica anti-estresse, interessados na proposta.

Prontamente, enviei um projeto direcionado a esse público e fui direcionada a conversar com a fisioterapeuta responsável, a Dra. Lúcia Minei. Estava empregada e, mais, ela me levaria a outro local, que ela também dirigia, uma Escola de Natação que tinha o Serviço de Hidroterapia e tentaríamos conversar com o responsável para a implantação da Dançaterapia.

Para minha grande surpresa, quando a fisioterapeuta disse o nome da Escola fiquei paralisada. Eu iria trabalhar com minha grande amiga, a Professora Rosângela Vinhas, fisioterapeuta no local há anos.

Assim, o trabalho de Dançaterapia novamente abriu-me as portas e jamais imaginava o modo como as tramas da vida uniriam a mim e a Rosângela novamente. Trabalhei durante um ano na primeira Clínica e trabalho até hoje na Escola, com Hidroterapia e Dançaterapia.

Esta formação paralela que desenvolvi, dançaterapeuta, permitiu-me unir duas grandes paixões: a dança e a reabilitação. Encantei-me com a grandiosidade do trabalho de reconhecer o aluno pelos seus potenciais ao transpor as barreiras das limitações físicas. Infelizmente, na Fisioterapia, às vezes, enfocamos somente a limitação e suas implicações.

Este fato contribuiu muito em minha formação, pois me permitiu ter mais convicção sobre o meu papel como fisioterapeuta. Acendeu em mim a chama de me fortalecer como fisioterapeuta e dançaterapeuta dedicada à Neurologia, o que me acompanha até hoje. O que me fez buscar esta outra visão de trabalho foi minha inquietude frente ao descaso e ao preconceito sofrido pela pessoa com deficiência, fato por mim vivenciado, pois como relatei, tive um irmão deficiente e sempre o acompanhei.

Em maio de 2002, uma outra professora da UNICID telefonou-me e, mais uma vez, fiquei surpresa. Ela havia assumido a Disciplina História da Fisioterapia e convidou-me a iniciar o trabalho de monitoria para realizar vivências corporais na sala de aula, mas por questões burocráticas, não foi possível aceitar.

Mas, algo dizia que eu participaria da disciplina, que este seria o meu caminho; tudo era uma questão de tempo.

Em abril de 2003, Rosângela Vinhas, em uma conversa informal, relatou-me sua preocupação frente ao número de pacientes que receberiam alta do setor de Hidroterapia, na UNICID, devido à falta de condições para manter o tratamento. Sugeriu-me então que fizesse um projeto de Dançaterapia.

Concordei e resolvi seguir os seus conselhos. Marquei uma reunião com o Prof. Dr. Paulo Heraldo e, para minha alegria, aceitou o projeto e solicitou a realização de uma palestra aos alunos para relatar os benefícios do trabalho.

O anseio de ser docente me acompanhava sempre e a oportunidade das palestras, que me permitiram falar sobre a relação entre a Fisioterapia e a Dançaterapia na Neurologia, reforçavam minha escolha: uma pós-graduação “stricto-sensu”, para tornar-me docente.

Remeto-me ao momento mais esperado e surpreso de minha vida: o convite à Docência em Fisioterapia. Esperado porque, ao me formar, aspirei à carreira docente com o olhar voltado para a minha grande paixão, a Neurologia, porém necessitava de condições apropriadas e experiência profissional para concretizar este meu grande sonho. Surpreso, porque aconteceu em um momento inesperado em minha vida.

Em junho de 2003, surgiu-me o convite à docência pelo diretor do Curso de Fisioterapia da UNICID. Esta oportunidade foi-me conferida por ser, segundo as palavras do diretor, uma fisioterapeuta diferenciada por conta do trabalho desenvolvido com a dança.

Ao procurar pela dança e dela me valer para a reabilitação, constatei que o paciente, agora chamado de aluno, muito aprendia, pois passava a se olhar como um ser que age.

Desta forma, conquistas motoras e pessoais eram observadas, mesmo que o aluno tivesse um tempo considerável de lesão; a família interagia muito mais, pois agora o filho, ou filha, ganhava prestígio social, era um bailarino, ou bailarina.

Estes acontecimentos marcaram minha vida. Constato que minha atitude em sala de aula e minhas propostas pedagógicas refletem exatamente estas minhas inquietações e verdades.

Busco através de dinâmicas em sala de aula, permitir que o aluno seja, exatamente como faço na dançaterapia.

Olho para o aluno e tento identificar suas dificuldades, porém valorizo-o e o conduzo na identificação de suas competências, assim como faço na Dançaterapia, ao buscar ser uma professora que conduz o encontro do aluno com o conhecimento.

Ao incentivar o aluno a participar de pesquisas e projetos, tento oferecer uma oportunidade de observar a teoria e a prática, como faço até hoje. O conhecimento se constrói constantemente nas relações estabelecidas, sejam elas quais forem: aluno-professor, fisioterapeuta-paciente, professor de dança-bailarino e aluno-paciente.

O curso semestral começou e conheci uma nova parceira, a professora que conduziria comigo e com o Prof. Paulo Heraldo, a disciplina de História da Fisioterapia, Profa. Luciana Andrioti.

Ao relembrar destes aspectos, chego à conclusão de que esta disciplina realmente já estava predestinada, não haveria meios de escapar, o que sempre me foi motivo de muito orgulho, pois as faltas que senti nesta disciplina, com certeza, busco sempre preenchê-las.

Procuro ser atenciosa e próxima aos meus alunos ao acompanhar de perto suas ansiedades e tentar acalmá-los com as vivências, seminários e apresentação de filmes, para que eles se sintam próximos da realidade da profissão.

A partir do desafio de ser docente em Fisioterapia, preparamos a disciplina História da Fisioterapia, com um olhar voltado para o Conceito da Fisioterapia e a sua afirmação na História, além do desenvolvimento dos conceitos sobre a pessoa com deficiência, em uma tentativa de despirmos os alunos do preconceito e compaixão. A proposta pedagógica que realizamos identifica o aluno como um ser atuante, reflexivo, criativo e sensível.

Desta forma, tentamos promover uma formação para a cidadania ao preparar o aluno já no primeiro ano de formação, sempre de acordo com o conhecimento oferecido a ele naquele momento. Oferecemos aos alunos através de dinâmicas de grupos, situações-problema, para que ele possa questionar-se, criando um ambiente facilitador para a produção científica.

Com as discussões e abordagens em sala de aula, percebemos uma atitude de busca de novos saberes entre alunos e professores. Isto me fascina. É na experiência que os pensamentos se unem.

Assim, reconheço que a educação também é construída na sala de aula, entre ambos, professores e alunos, e transpassa as paredes da sala.

No período de 2003 a 2005, lecionei com a Profa. Luciana a disciplina História da Fisioterapia, o que conferiu ganhos aos alunos, pois somos ex-alunas da casa e conseguimos discutir com propriedade o que é ser fisioterapeuta na Instituição.

Juntamente com Luciana, ministrei também as disciplinas Construção do Conhecimento e Contexto Epidemiológico.

Em Construção do Conhecimento, trabalhamos com o intuito de permitir ao aluno a construção de sua identidade nos âmbitos pessoal e profissional e transformá-lo num fisioterapeuta seguro e consciente de seu papel social. Incentivamos a leitura e a escrita, assim como a realização de pesquisas.

Trabalhamos, com as dinâmicas, o senso crítico e a capacidade de argumentação, assim como o reconhecimento da importância do trabalho em equipe.

Na disciplina Contexto Epidemiológico, discutimos o ser humano nos âmbitos bio-psico-social; o entendimento dos conceitos saúde-doença relacionados com a necessidade de se compreender o homem em seu contexto histórico, político, econômico e social.

Demonstramos as relações entre a Epidemiologia e a Saúde Pública e consideramos que esta depende de um contexto social e psíquico, para que a pessoa seja agente de seu estado.

Desta forma, o aluno passa a entender a necessidade de assumir o seu papel de agente transformador do Sistema de Saúde ao compreender que a

saúde é um direito de qualquer pessoa e que essa deve corresponder às diversas necessidades do sujeito, em todos os seus contextos.

Nesta disciplina, também trabalhamos a importância da iniciação científica no crescimento da profissão e do aprimoramento da Saúde Pública, ao pesquisar e avaliar a atuação do fisioterapeuta no Sistema Único de Saúde.

Além da sala de aula, propriamente dita, também participamos de Projetos de Extensão, dentre eles a Oficina Vivência e Convivência e o Programa Institucional Unidades.

Na Oficina, desenvolvemos o trabalho de Dançaterapia com pacientes da Clínica de Fisioterapia e com os alunos de todos os Cursos da Universidade ao ensinar a teoria e a prática de se trabalhar o corpo através da dança.

No Programa Unidades, representamos o Curso de Fisioterapia em cidades do interior de São Paulo, que muito necessitava de auxílio e infraestrutura. Desenvolvemos em parceria com os alunos, o trabalho de Dançaterapia com os pacientes da região.

Atualmente, leciono a disciplina Construção do Conhecimento, além dos dois projetos apresentados anteriormente, mas, infelizmente, não tenho mais ao meu lado a minha parceira.

Fico muito feliz em ter podido identificar minhas afinidades com a Profa. Luciana. Sonhamos juntas e conseguimos ter um relacionamento de muito respeito e admiração, edificamos nossos sonhos.

A parceria entre docentes é fundamental para a construção de um ensino de qualidade; afinal de contas, é através de nossas dúvidas e angústias, erros e acertos, que aprendemos a ser melhores.

A divisão destes processos, a construção do diálogo a cada dia, alimenta o docente em sua jornada. Aprendi muito com a Luciana, pois estivemos sempre em sintonia na sala de aula.

Muitas vezes, precisamos mudar de percurso e construir uma nova história em outro lugar e carregar a certeza de que fizemos o melhor, dentro das possibilidades do nosso acreditar.

E, assim, ao relatar minha prática docente, que é muito recente, mas não sem significados, fico feliz em poder ver muitos de meus sonhos concretizados. A Dançaterapia permeia o ensino da Fisioterapia, ganha espaço e constrói novas oportunidades.

Quando observo que alunos de Jornalismo, Comunicação, Propaganda, Odontologia, Educação Física visualizam a importância da dança para o corpo e realizam trabalhos conjuntos com a Fisioterapia, cada um com o seu conhecimento, confesso que ganho forças para continuar a investir neste ideal.

Assim, uma discente tornou-se docente aos olhos sensíveis do Diretor do Curso. Mas, para ser docente não basta simplesmente querer, preparar-se, é preciso buscar a titulação e entender que o título é muito mais do que uma exigência burocrática. É, na verdade, o encontro do docente com a pesquisa.

E foi assim que tudo começou... Ao identificar a possibilidade de um prazer infinito pelo corpo em movimento, por esta arte que tanto me encanta, que adentrei neste universo o qual me vejo envolta até hoje.

E por sentir as belezas deste processo em minha vida, convido-o, leitor, a encontrar-se neste evento junto com o texto, para permitir a construção de um diálogo com o corpo, pois dizer sobre dança não basta, é preciso senti-la.

CAPÍTULO II

A DANÇA

Falar sobre dança... Que prazer imenso transpor para o papel a importância desta arte na construção de minha vida. Tudo o que sou, minha essência, meus valores e minha busca se desvelam nesta “poesia”, que a tantos encanta e seduz.

Na verdade, não sei se saberei expressar com palavras a maravilha de uma arte que promove verdadeiros encontros entre diferentes sujeitos, em diversos momentos. É um desafio que me acompanhará durante o trajeto desta escrita; afinal, movimentos e sensações são indescritíveis.

É difícil a tarefa de tentar compreender a dança sem adentrar em seu universo. Torna-se indispensável sentir e explorar o corpo através desta nobre experiência, na qual, a música e o movimento são veículos construtores de um caminho sem volta...O amor à dança.

Esta “paixão” sempre me fez reencontrar valores perdidos dentro de mim mesma, pois ao explorar o espaço em busca de vivências, aprendi a conhecer meu próprio corpo, o que me possibilitou a sensação de habitá-lo e dominá-lo, conferindo-me um equilíbrio interior muito valioso.

Este encontro sublime aconteceu nos meus onze anos de idade, no momento em que decidi ser bailarina. O amor pela arte surgiu com a vivência e a convivência com os diferentes estilos musicais e corporais experimentados.

Assim, desde cedo, comecei a delinear meu conhecimento sobre a dança e a satisfação que senti, por mais difícil que seja imaginar, perpetua até hoje; cada vez mais amo meu trabalho e meu encontro com a arte.

Toda vez que estou no palco tenho a emoção renovada e transmutada; é muito bom amar aquilo que se faz.

Em determinados momentos, o corpo consegue “falar” muito mais do que as palavras e me atrevo a dizer que o homem perdeu muito de sua sensibilidade ao se expressar predominantemente por elas.

Assim, podemos e devemos contar com o valor das palavras, mas não somente com elas, porque o valor de um gesto, às vezes, torna-se tão importante quanto.

Faço questão de mencionar aqui uma afirmação de SILVA (2000, p.25): *assim como o toque ou a massagem podem servir como uma primeira fenda em uma armadura caracterológica, é possível transformar um indivíduo como um toque sonoro que liberará suas emoções, expressões e movimento.*

É indiscutível a sensação de movimentar o corpo aos tons de uma melodia e viver cada momento, como se a coreografia nunca fosse acabar. Estar em cena é preencher um espaço vazio em segundos.

Dançar, para mim, é mais do que mover o corpo em busca de respostas, entre encontros e desencontros; luzes e sombras; solidão e imensidão. É, absolutamente, saborear a vida.

Assim, convido você, leitor, a realizar um exercício, no qual, pretendo mostrar um pouco desta magia...

O processo começa pela sensação... Ao ouvir a música e encontrar seus timbres e sons, imagine seu corpo sentindo as batidas musicais

profundamente; bem dentro de você. Seu corpo ainda não se move, somente está preparado para ouvir.

Ouvir somente pelos sentidos; sem a interferência de julgamentos; esqueça o universo que está fora de você. Ouça a si mesmo através da melodia.

Ao ouvir a música, torna-se inevitável adotar um balanço suave do corpo; são os sinais da primeira resposta a este estímulo tão doce. Seus olhos se fecham. Sua respiração começa a mudar e intuitivamente passa a acompanhar os timbres da melodia... Você apenas se permite...

A música começa a promover um encontro...

Seu corpo começa a transmutar-se; parece necessitar de algo que você ainda desconhece; a música conduz e repentinamente um movimento é experimentado... Somente se permita.

Sinta seu corpo em movimento; respire fundo e viaje na imensidão da melodia; sem pressa e sem julgamentos; não existe modo certo ou errado quando se dança, porque cada um de nós terá um encontro diferente com ela.

A música toma seu corpo neste momento; os movimentos, antes inacabados e acanhados, começam a aumentar de amplitude e intensidade; você sente a plenitude de seus gestos e o permitir-se já não se faz necessário, pois neste momento você está além disto...

O espaço começa a ser explorado, pois a plenitude de suas ações começa a ganhar novos rumos, novas direções e chega a vez do vocábulo encontrar-se...

Um encontro suave e doce permeia o seu momento; tudo é novo, diferente e saboroso. A magia preenche os espaços vazios e realiza a

metamorfose de corpos ainda pouco entregues. A dança toma parte de seu corpo de modo absoluto e pleno; a fuga não é necessária e nem transpassa seus pensamentos, pelo contrário, o sonho de estar sempre assim é tão forte e intenso, que você teme o fim deste momento.

Você abre os olhos e sente apenas o verdadeiro sentido do olhar, o de verdadeiramente ver sem enxergar; é voltar seus olhos de fora para dentro para ver a imensidão do seu ser... É simplesmente olhar-se.

Seu corpo começa a interiorizar-se; você caminha dentro de você mesmo pelas vivências e ilumina as lacunas existentes ao conviver com os espaços ociosos. Você se olha e se preenche; transforma seus segundos em um momento sagrado.

A música começa a baixar de tom, mas seu corpo radiante e repleto de vitalidade continua a dançar. Algo inesperado acontece: seu corpo sente este distanciamento da música, mas não pára de se mover. A música desaparece na imensidão do silêncio e você continua a ouvi-la.

Este é o momento mágico vivenciado pelo corpo, porque você aprende que pode dançar também no silêncio...

E assim, você finaliza o exercício ao dançar no silêncio, movido apenas pelo ritmo de sua respiração, pelos sons de seu corpo e ruídos do espaço explorado pelos seus movimentos.

O amor que sinto pela dança começou deste modo; quando dancei no silêncio do meu próprio corpo, ao sentir e perceber a amplitude de meus gestos, movidos pela música interior que vinha de dentro de mim mesma, pelo timbre da respiração... Enfim, ao construir o diálogo com o meu corpo...

Assim, na história de minha vida, ao construir meu amor e admiração por estes momentos ímpares de minhas vivências com a dança, comecei a questionar a possibilidade de associar a arte da dança com a arte do reabilitar.

Estudei muito meu corpo a partir do contato com os diferentes estilos musicais e modalidades corporais e aprendi a compreendê-lo e me permiti explorá-lo subjetivamente, como se tivesse algum tipo de deficiência.

Meu irmão participou muito deste processo. Desde pequena eu realizava instintivamente seus movimentos rústicos, para vivenciar o que ele sentia com seus movimentos. Recordo com saudade de suas batidas de palmas ao ouvir a música e confesso que, neste momento de minha escrita, emociono-me, porque ainda consigo ouvi-las e reproduzi-las.

Este presente que a vida me deu, a oportunidade de contar com a presença de Eduardo em meu caminho, somente proporcionou descobertas que levarei como uma marca para o resto de minha vida.

Vivenciei o corpo com deficiência a partir da convivência amorosa com ele, toda vez que me permitia sentar em sua cadeira de rodas, toda vez que ele me olhava com olhos profundos em busca da leitura de meu ser, enfim, em toda vez que sorria e permitia sentir seu carinho desajeitado em meu rosto.

Saudades, muitas... Ensinaamentos, tantos...

Meu primeiro sentir de um corpo com deficiência foi com meu irmão, ao brincar com o meu corpo para reproduzir sua expressão corporal.

Posteriormente, durante minha graduação em Fisioterapia, o desejo de aliar a prática da dança à reabilitação tornou-se mais intenso e parti em busca de conhecimentos com profissionais que já desenvolviam este trabalho de um modo muito particular.

A Professora Yeda acompanhou-me mais de perto e realizei com ela e seus alunos, durante o período de um mês, um laboratório, do qual jamais esquecerei. Este foi meu segundo momento de encontro subjetivo com o corpo deficiente.

Faço questão de dizer subjetivo, porque por mais que se queira representar em nosso corpo a deficiência, ao vendar nossos olhos, ao amarrar nossos braços e não movimentar nossas pernas, jamais se poderá sentir com propriedade estas sensações e percepções em nosso corpo.

A primeira e inesquecível experiência com o grupo foi a da recepção calorosa, pois para prosseguir meus estudos e fazer parte do laboratório, eu teria de ser aceita pelo grupo. O grupo era composto por pessoas com deficiência motora, mental ou múltipla, das mais diferentes idades e estilos, todos moradores das Casas André Luiz, de Guarulhos.

Yeda apresentou-me ao grupo e “passei pela prova de fogo”: uma roda com todos a minha volta e eu, no centro, a realizar o que quisessem. A primeira parceira foi Meire, que colocou sua cadeira de rodas em minha frente e solicitou-me levar-lhe ao chão, por cima de meu corpo, para dançarmos deitadas.

Fiquei paralisada e perplexa; em silêncio perguntei-me sobre “como fazer?” e a resposta não veio.

O grupo, então, ensinou-me a arte de dançar sobre rodas, ao fazer da cadeira um elemento coreográfico. Aprendi que através de meu balanço corporal, eu poderia possibilitar ao corpo do outro um movimento dançante.

Naquele momento, a parceria se fez importante, porque aprendemos não somente com a exploração do nosso corpo, mas também com a compreensão e interação com o corpo do outro, na busca da plenitude de movimentos.

Com o olhar, o toque e o sentir o corpo do outro, em movimento, aprendemos a realizar muitas maneiras de explorar o espaço, ao dançar ao som vibrante da música e ao encontrar nosso ser em parceria com o outro. Atrevo-me a dizer que não somos mais sujeitos isolados, somos parceiros em busca da magia da dança.

A deficiência corporal neste momento desaparece, pois se o corpo tem limites, a arte não os reconhece.

A segunda e saborosa experiência, proporcionada pela minha professora, foi adentrar subjetivamente no universo da deficiência, deslocando-me de meu lugar seguro e pronto, para um lugar inacabado e em construção.

O deslocar do corpo é consequência do deslocar do olhar; é preciso sentir-se deficiente por segundos e conectar-se com um novo perceber do mundo. Trata-se de um novo contexto, de uma nova realidade.

Um pouco de preparação para esta experiência veio do convívio com Eduardo; os temores de me deslocar para um corpo limitado já haviam sido superados e o preconceito vivido durante a minha infância, os olhares de indiferença para com Eduardo, em mim, eram fortes e vivos.

Pode parecer simples paralisar o corpo e sentir-se em um corpo deficiente por alguns segundos, mas para algumas pessoas esta simplicidade se dá pelo fato de que elas sabem que retornaram ao seu corpo, quando a

vivência acabar. Esta experiência exige humildade, pois se aprende com ela valores diferentes pelo sentir-se deficiente por segundos.

Somente esta humildade permitirá uma mudança de atitude, que acabará por perpetuar as marcas que transformarão para sempre o olhar de quem vive a experiência.

“Transformei-me” em uma garota de quinze anos, com paralisia cerebral; os movimentos do corpo inteiro encontravam-se rígidos, imóveis e desfalecidos.

Tentei sentir seu corpo e imaginar seu mundo, com um olhar de muito respeito. A experiência me colocou no lugar de irmã de uma pessoa com deficiência.

Ao sentar-me naquela cadeira de rodas, realizei um processo de introspecção intenso, que me conduziu a caminhos escuros de solidão e ressentimento; sentia-me paralisada por um vazio que não vinha somente de meu corpo, mas principalmente de minha alma.

O vazio de quem se sente só é tão profundo, que faz perder as forças da busca de enfrentá-lo. É como procurar a luz em uma imensidão escura, na qual, o único sentimento é o do fim.

Meu olhar não via a plenitude de meu ser. A beleza da vida que tentava pulsar dentro de mim não sentia a sensação de continuar vivendo, para transformar o fim em um novo início, pois, o que eu conseguia enxergar naquele momento era um corpo frio, solitário e preso nas amarguras de não experimentar um mundo só feito para os capazes.

Yeda aproximou-se e convidou-me a sentir a dança em meu corpo pela primeira vez.

Resisti no início a tamanha “loucura”, pois nada mais faria do que reafirmar uma condição corporal já muito conhecida e que muito me machucava; estava enterrada em meu desespero.

Com o olhar mais doce que já senti em minha vida, Yeda se aproximou e, com muita meiguice, convidou-me a novos rumos; a descobrir novos horizontes, numa tentativa muito feliz de tirar-me da solidão.

Havia uma interrogação em meu peito: a ambigüidade de me entregar e resistir, confiar e desconfiar; porém, decidi fechar os olhos e caminhar ao som daquela voz doce e especial...

Comecei a respirar de modo diferente e, mesmo não sentindo meu corpo devido às minhas limitações, comecei a deixar pulsar o som da vida em meu peito com cada toque que Yeda realizava em meu corpo.

Sensação diferente e estranha, a aceitação do olhar do outro para meu corpo sem sentir-me “diminuída”. Como alguém me veria sem julgar-me como uma “coitadinha” e “indefesa”? Somente alguém muito disposto a me compreender.

Então, entreguei-me àquela professora com toda a plenitude possível. Percebia um cruzar do vento em meu corpo e parei pela primeira vez para ouvir a música que tocava.

Adentrei em um momento de prazer nunca experimentado e recordações de Eduardo misturavam-se com os meus sentimentos, pois não era possível desvincular o passado do presente.

Assim, encontrei-me com o silêncio de meu corpo e presenciei a possibilidade de dançar neste silêncio com o corpo do outro. Foi maravilhoso

estar entregue e confiar em alguém que sabe o que é melhor naquele momento.

Sentia que Yeda lia meus pensamentos...

A música terminou e, ao abrir meus olhos, encontrei não somente a certeza de que eu poderia redirecionar minha vida para um sim, mas também para a magia da Dançaterapia em nossas vidas.

Foi uma vivência intensa, profunda e inesquecível.

Mantive-me em silêncio por alguns minutos. Comecei a movimentar meu corpo novamente; reencontrei Solange, com muita emoção e respeito; chorei ao finalizar a vivência.

Momentos como este são inesquecíveis; é bom conseguir sentir a intensidade da dança e as revoluções que ela pode fazer na vida das pessoas que pretendem se entregar a elas.

A Dançaterapia usa do movimento expressivo por considerar a arte não como performance, mas como atividade capaz de realizar novas vivências corporais e conhecimento do espaço e do tempo, que resulta em uma linguagem portadora de significados.

A música estabelece contato com a linguagem corporal e constrói um meio de comunicação para todas as pessoas, principalmente porque neste momento a comunicação verbal não se faz importante.

A música toca os sentimentos mais profundos do que qualquer palavra e nos faz responder com todo nosso ser. Toda música permite experimentar um poder expressivo diferenciado; na verdade, há um significado escondido atrás de cada nota.

Assim, edificamos nosso corpo pelo ritmo e pela música; nossa imagem corporal é transmutada; esquemas corporais serão reestruturados e uma nova consciência do corpo urge em resposta à arte de dançar sem limites.

A expressão do sujeito se dá pelo movimento; fator indispensável em sua construção; o único meio tangível que o coloca em relação definida com a realidade. O movimento está conectado à vontade, ao desejo e à expectativa de vir a se sentir completo, pleno e realizado.

Idealizei a união da Fisioterapia com a Dançaterapia devido à grandiosidade deste trabalho, uma vez que ele não se detém na superação de determinadas limitações físicas dos praticantes, mas olham com mais atenção aos potenciais existentes no sujeito. É verdadeiramente “olhar”.

O aluno entende que seu corpo não é algo a ser “consertado” e sim a ser trabalhado. Os profissionais tornam-se intermediários de um aprendizado que conduz o aluno a deslocar o seu olhar do mundo e de todo o exterior para dentro de si mesmo. O aluno encontra-se com o próprio corpo e compreende que seus limites físicos são barreiras transponíveis.

Os potenciais adormecidos no corpo se transformam quando ele, ao mover-se, se expressa numa linguagem diferenciada, não-verbal, viva e intensa, na qual o resultado encontrado será ostensivamente metamorfoses corporais deliciosas. Trata-se de um novo reencontro com o corpo.

A Dançaterapia observa conquistas adquiridas de um lugar onde as possibilidades existentes são evidenciadas e não os limites físicos.

O trabalho realizado com a Dançaterapia sempre me permitiu identificar novos horizontes, principalmente aqueles, onde a razão não dá conta de resolver a perplexidade dos acontecimentos.

Nos momentos mais importantes de minha vida, tal como a graduação em Fisioterapia, o casamento e a gravidez, a dança sempre se fez presente, permeando-os de graça e encanto. E agora em meu Mestrado, mais uma vez a arte da dança auxilia-me a construir novos rumos e permite delinear questionamentos agora voltados para outra dimensão - a Formação Docente.

Quando me deparo com minha escrita sobre a época de aluna do curso de graduação em Fisioterapia, na verdade observo que meu pensar, minha fala e meus anseios rodeiam um mesmo querer.

Quando queria de ser ouvida e observada pelos professores, e pela gestão daquela época, estava a reforçar a necessidade de encontrar em meus professores o olhar, a escuta e a afetividade que recebi na dança. Buscava, na minha graduação, professores dispostos a dialogar e estabelecer parcerias, tal qual os da dança.

Quando afirmava que o sucesso da Fisioterapia estava na parceria e lealdade com o paciente, na relação de confiança e respeito que se constrói ao longo do caminho, estava a relatar a experiência de parcerias que tive com Eduardo e com Yeda.

Questionavam-me sobre o porquê do contato próximo com os pacientes e o porquê da dança em meus atendimentos e eu dizia que se tivesse encontrado um docente disposto a compreender meus ideais e sonhos, tal como a professora Rosângela, tudo teria sido diferente.

Fica explícito, pois, o meu acreditar em um contato mais próximo com o aluno, desde o primeiro ano, enquanto docente, pois permite que enxerguemos potenciais escondidos. Foram por estes motivos vividos durante minhas experiências com a Dançaterapia que sempre dissertei sobre a importância de se valorizar a história do aluno no processo educativo.

Quando penso em minha história de vida e neste encontro com a dança, tenho consciência de que muitos não viveram tudo isto.

Confesso que a escolha deste tema muito me intrigou, pois, ao mesmo tempo em que amo esta arte, eu pensava em como transformar a Dançaterapia em pesquisa. Pensava em como minha história de vida poderia contribuir para a Fisioterapia.

Vivi momentos de muita reflexão antes de transformar minha história em pesquisa, mas reafirmei minha escolha quando identifiquei a importância da história de vida como caminho metodológico através das leituras de JOSSO (2004, 2006) e PINEAU (2004; 2006).

Quando escrevemos nossa história de vida, percebemos que nos formamos a cada momento, desde o começo da vida até nossos últimos dias, porém, a fase adulta torna-se muito marcante por ser muito problemática, o que nos faz reagir.

Somos impulsionados pela sociedade que pode tanto facilitar como resistir a este processo de formação, vital e essencial na vida.

Bem como assegura PINEAU (2006, p.43), o adulto não escreve sua história de vida para simplesmente fazer literatura, mas porque é preciso sobreviver; é preciso fazer, refazer e compreender melhor toda a sua história.

Adotar os relatos de história de vida como caminho metodológico em minha pesquisa reafirmou o meu acreditar negado na área da saúde: aprendemos através da subjetividade e da experiência produzida por vivências singulares.

Identifico este processo como uma inovação metodológica que pode trazer benefícios ao valorizar o processo individual de aprendizagem na formação.

Quando eu entrei na Universidade, estava a navegar entre meus sonhos e esperanças; estava a religar o passado com o presente para construir o futuro. Eu tinha uma coerência em meus atos sem ser compreendida, e senti falta deste espaço em minha graduação.

Senti falta do espaço que me permitisse Ser...

Foi minha história que me permitiu ser a professora que sou hoje; alguém que valoriza o Saber-Ser na formação acadêmica e considera seus alunos como sujeito.

Eu reafirmo o meu conceito de sujeito em minha formação quando retomo minha história de vida. Eu me reconheço sujeito, quando faço uso da memória para reafirmar meus valores e minhas certezas.

Quando eu retomo a minha história de vida, eu também me reconheço como sujeito.

O forte tom de minha narrativa ao expressar minhas emoções, a necessidade de propor um exercício ao leitor para a compreensão desta minha paixão com a dança, demonstra que memória e formação formam um perfeito par, uma perfeita simbiose, bem como dizia CHAMLIAN (2006, p.84).

De fato, os meus valores, a professora que me esforço para ser todas as vezes que estou com meus alunos, os ensinamentos sobre a Neurologia e seu diálogo com a Dançaterapia, as vivências da Oficina, na qual sou intermediária do encontro de meus alunos com eles mesmos, são frutos das experiências que tive com a arte da dança e da vida.

Ser professora de Dançaterapia me conferiu sempre um prazer indescritível, pois conduzir meu aluno neste reencontro com o corpo e proporcionar a descoberta da dança não como performance, mas como arte, é tornar-se um mestre que observa e espera, à distância, a vitória de seu aluno.

Ser professora de Fisioterapia também me confere a mesma satisfação, pois também conduzo meu aluno ao encontro dele com a profissão e em especial demonstro valores diferentes, quando relato sobre a Neurologia, meu maior encanto.

Ser fisioterapeuta e trabalhar com a dança, com o olhar voltado para a Neurologia foi meu maior sonho que se tornou realidade a partir do ouvir, escutar e entregar-se.

Ter sido irmã de Eduardo por dezessete anos, felizmente me trouxe valores indissociáveis; formou-me enquanto sujeito. Sinto que Eduardo construiu em mim uma casa; auxiliou-me ao levantar os pilares e a abrir janelas e portas para um novo horizonte.

É impossível dissociar o ser humano em suas diferentes vertentes, ou seja, em sala de aula sou uma, em casa sou outra, como professora de Dançaterapia, outra... E assim, em verdade, eu nada seria.

O meu maior orgulho hoje é poder ser professora e fisioterapeuta com a essência da Dançaterapia, preenchida pelos ensinamentos de uma irmã muito saudosa e complementada pela força maior de ser mãe e mulher ao mesmo tempo.

Portanto, trilharei um novo caminho, ainda pouco conhecido, reflexo de minha recente prática docente, não distante de objetivos e metas. Busco teóricos que me reafirmem e me orientem em uma compreensão mais aprofundada sobre o Ser professor e seu compromisso social.

Busco compreender as contribuições da Dançaterapia para a Fisioterapia, ao tentar identificar se o meu acreditar instintivo, realizado em minha prática docente, encontrará apoio em paradigmas educacionais.

Não posso “cobrar” a experiência com a dança de meus colegas professores, mas será possível “cobrar” a falta do olhar, da escuta e da afetividade... Será possível “cobrar” a falta do “Ser” Professor em cada um deles?

CAPÍTULO III

A DANÇATERAPIA PARA A FISIOTERAPIA

Para se compreender as contribuições da Dançaterapia para a Fisioterapia, torna-se imprescindível conhecer primeiramente o curso e dimensionar toda a estrutura curricular; desvelar este cenário.

Assim, proponho-me neste momento a descrever a história desta profissão no país. Relatar os caminhos percorridos desde a regulamentação do exercício profissional até a atualidade, e a luta pela qualidade do ensino em Fisioterapia e seu reconhecimento social.

O primeiro registro de terapia física aconteceu em 1879, no Rio de Janeiro, com a criação do Serviço de Hidroterapia e Eletricidade Médica, sob a responsabilidade do Dr. Artur Silva (MANOJO, 2004, p.22).

O início da prática de Fisioterapia no Brasil começou em 1919 sob o comando do professor Raphael de Barros, na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, Departamento de Eletricidade Médica, devido ao grande incentivo da Organização Mundial de Saúde para a realização de serviços em reabilitação nos países da América Latina. (MARQUES E SANCHES citados em NICIDA (2002, p.35).

Em 1929, criou-se o Serviço de Fisioterapia do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, dirigido pelo Dr. Waldo Rolim, também fundador do primeiro curso de Fisioterapia no Brasil (MANOJO, op. cit, p.22).

O curso, mantido até 1958, era responsável pela formação de técnicos em fisioterapia patrocinados pelo Centro de Estudos Raphael Barros, e tinha o corpo docente formado pelos médicos do Hospital das Clínicas.

Em 1958, com a Lei 5.029/58 criou-se o primeiro curso de Fisioterapia no Brasil, com padrão internacional mínimo e duração de dois anos, no Instituto de Reabilitação vinculado à cadeira de Traumatologia e Ortopedia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, atendendo às exigências da Organização Panamericana de Saúde (NICIDA, op. cit, p.35).

A Associação Brasileira de Fisioterapia (ABF), primeiro órgão de classe, foi fundada em 1959 e reconhecida oficialmente pela Associação Médica Brasileira em 1962. Em 1963, a ABF ingressou como membro da World Confederation for Physical Therapy (NICIDA, op. cit, p.35).

Apesar de todos os avanços, a Fisioterapia somente foi reconhecida como “profissão” em 1963, pelo Parecer nº 388/63, aprovado pelo Ministério da Educação e Cultura (MEC) em 10 de dezembro, que determinava sua atuação e seus devidos limites. Porém, estes ainda eram caracterizados como auxiliares médicos, sob orientação e responsabilidade médica.

Assim, ao mesmo tempo em que se pretendia formar fisioterapeutas de nível superior, acabavam por conceber o caráter tecnicista de sua atuação, sobre o qual, este profissional não teria autonomia em relação ao seu trabalho, devido à submissão a ordens médicas.

Outro fato importante de se ressaltar à partir da análise deste documento, é a determinação da ação do fisioterapeuta apenas como reabilitador, o que contribuiu para uma visão limitada frente às possíveis atuações deste profissional.

Em 1967, pela Portaria GR nº 347, a Universidade de São Paulo baixou o Regulamento dos Cursos de Fisioterapia e Terapia Ocupacional do Instituto de Reabilitação da Faculdade de Medicina, com duração de três anos letivos. As disciplinas ministradas pelo Instituto de Reabilitação eram estritamente voltadas para a reabilitação. (MARQUES E SANCHES, 1994, p.6).

Somente depois de dois anos, a Fisioterapia com o Decreto-Lei 938 de 13 de outubro de 1969, adquiriu atribuições definidas, o que conferiu autonomia e responsabilidade social a seus profissionais. O Decreto, além de favorecer a independência da profissão e conceber o fisioterapeuta como profissional de nível superior, ainda lhe conferia uma ampliação da atividade profissional.

Assim, além de desenvolver atividades em clínicas, o fisioterapeuta poderia dirigir serviços em órgãos públicos ou particulares e exercer o magistério nas disciplinas de formação básica ou profissional, de nível superior ou médio, e ainda, supervisionar alunos.

Isto aconteceu porque, em 1969, o Presidente da República Artur Costa da Silva sofreu um acidente vascular encefálico (AVE) e, a Junta Militar, sensibilizada com o bom atendimento oferecido pelos fisioterapeutas, fez com que os Ministros da Marinha, Exército e Aeronáutica, assinassem o Decreto-Lei nº 938, o que formalizou o dia 13 de outubro como o Dia do Fisioterapeuta (NICIDA, op. cit, p.38).

Em 17 de dezembro de 1975, o Congresso Nacional decretou e o Presidente da República Ernesto Geisel sancionou a Lei 6316, que criou o Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (COFFITO) e os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional (CREFITO) (REBELATTO E BOTOMÉ, 1999, p.32).

Os Conselhos determinaram os locais nos quais os fisioterapeutas e terapeutas ocupacionais realizariam suas atividades (estabelecimentos hospitalares, clínicas, ambulatórios, creches, asilos) e os exercícios de cargo, função, assessoria, chefia e direção (NICIDA, op. cit., p.39).

Em fevereiro de 1978, a Resolução COFFITO-8 aprovou as normas que regulariam a habilitação ao exercício profissional, contribuindo fortemente para o desenvolvimento e reconhecimento da Fisioterapia ao possibilitar uma nova abrangência para a atuação profissional, na medida em que desvelou possibilidades nos três níveis de saúde: primário, secundário e terciário.

As técnicas fisioterápicas, então, passaram ao domínio do fisioterapeuta; este poderia avaliar e reavaliar sua conduta, desprendendo-se da intervenção de outros profissionais. Esta autonomia seria conferida ao profissional por meio do conhecimento adquirido desde sua formação inicial e se perpetuaria através de sua formação continuada.

Outro processo importante, referente à Resolução COFFITO-8, foi o esclarecimento das atividades de magistério e pesquisa. O Art. 6º, parágrafo II definiam que tanto as atividades de magistério quanto às de pesquisa poderiam ser remuneradas ou não.

Isto conferiu menor valor a estas atividades, o que talvez justifique a pequena parcela de profissionais interessados na docência naquela época.

Posteriormente, a Resolução COFFITO 8 complementou-se pela Resolução COFFITO-80/87, a qual contribuiu para que a Fisioterapia definisse o movimento como seu objeto de estudo e classificasse o fisioterapeuta no mesmo nível dos demais profissionais da área da Saúde.

Em 1983, a Sociedade Brasileira de Medicina Física e Reabilitação (SBMFR) perdeu por unanimidade, no Supremo Tribunal Federal (STF), a ação que alegava inconstitucionalidade do Decreto-Lei nº 938 e Lei nº 6.316, tudo porque se buscava uma garantia para que os fisiatras também tivessem o direito de realizar fisioterapia.

Esta é apenas uma parte sobre a história desta profissão. Em verdade, a busca pela autonomia e reconhecimento profissional sempre se fez presente. A história do ensino da Fisioterapia pode ser compreendida por fatos referentes aos processos iniciais da construção da profissão.

Em 1951, quando Dr. Waldo Rolim planejou o primeiro curso de Fisioterapia do Brasil, o objetivo era formar técnicos na área. O curso foi mantido até 1958, quando a Lei 5029 criou o Instituto de Reabilitação vinculado à cadeira de Ortopedia e Traumatologia da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (FMUSP), onde se iniciou o primeiro curso de Fisioterapia com padrão internacional mínimo e duração de dois anos.

Convém ressaltar que estes Cursos eram ministrados pelas Escolas de Reabilitação, anexas às Faculdades de Medicina, e, portanto, 95% do quadro docente pertenciam à classe médica. Isto conferia o caráter unidirecional do ensino e a preocupação em formar especialistas, e não generalistas.

Na história do ensino da Fisioterapia, percebe-se que a primeira preocupação era voltada à formação de especialistas, algo já esperado devido ao quadro docente da época e à falta de autonomia da profissão.

Segundo depoimento da fisioterapeuta Normian de Oliveira Loureiro citado em NICIDA (op. cit, p.63), os primeiros professores realmente pertenciam ao IOT ou à Faculdade de Medicina. Poucos ex-alunos lecionavam disciplinas; porém, o faziam graciosamente.

Esta observação permite a compreensão no atraso da construção do perfil do docente em Fisioterapia, além de reafirmar a docência como um ato de muita doação, mas pouca valorização profissional.

Assim, os primeiros fisioterapeutas formados ingressaram na carreira docente rapidamente; todavia, convém ressaltar que, historicamente, a atuação do fisioterapeuta sempre se concentrou em clínicas e hospitais. As atividades educacionais e administrativas foram relegadas a planos inferiores.

Com o aumento da autonomia e da responsabilidade social do profissional, tornou-se necessária a afirmação de um novo quadro de docentes, com profissionais experientes na sua área de atuação e dispostos à atividade do ensino. Era preciso que fisioterapeutas formassem fisioterapeutas.

Em 1980, inicia-se o Curso de Fisioterapia com duração de quatro anos. Seu currículo mínimo foi determinado em 1983, pela Resolução CFE nº 04/83, que contemplava tanto matérias de formação geral como conteúdos específicos da área, além dos de fundamentação REBELATTO E BOTOMÉ (op. cit, p.85).

Esta nova estruturação dos Cursos resultava de esforços dos órgãos representativos de classe, das Escolas de Fisioterapia e de vários fisioterapeutas NICIDA (op. cit, p.46).

Pelo currículo mínimo, o curso deveria ter um total de 3.240 (três mil duzentas e quarenta) horas ministradas em quatro anos e, no máximo, em oito. Os ciclos de Matérias Biológicas e de Formação Geral deveriam ocupar 20% deste tempo; o ciclo Pré-profissionalizante também 20%; 40% seriam destinados ao Ciclo Profissionalizante e os 20% restantes seriam destinadas a Prática Supervisionada.

Esta nova estruturação propiciou uma formação mais abrangente e completa, pois visava um profissional autônomo, preparado para exercer sua profissão, além do ensino e da pesquisa.

Percebe-se, pois, uma forte tendência generalista, com grandes anseios sobre as garantias de uma formação mais comprometida com a necessidade dos usuários de fisioterapia - os pacientes. Porém, o grande desafio de discursos abrangentes é o seu cumprimento na totalidade.

Trata-se de uma profissão em desenvolvimento, que ainda procura definição em suas áreas de atuação, reconhecimento social, e engatinha na pesquisa - tanto que só em 20/09/1996 criou-se o Mestrado em Fisioterapia o qual foi recomendado pela Capes em 19/12/1996.

Corresponde, portanto, a uma profissão que está em processo de construção de identidade. (PINTO, op. cit, p.59).

O fisioterapeuta precisa compreender que a história da profissão somente se constitui por sujeitos que possuam metas definidas, responsáveis por traduzir a expectativa de todos, sugerindo uma união da classe em busca de objetivos concretos.

Refiro-me à união de classe, não de uma maneira utópica e distante de sentido. Ignorando uma parceira real entre os profissionais, não se consegue a melhora da qualidade do ensino e da atuação do profissional, frente às necessidades da população.

É pertinente refletir sobre a representatividade da profissão em seus órgãos federais e regionais. A Fisioterapia, por muitos anos, esteve sob o comando de órgãos representativos voltados para interesses estritamente pessoais, pouco comprometidos com o desenvolvimento da profissão.

Após muitos anos de erros, descaso e irresponsabilidades, introduz-se uma nova gestão.

Torna-se evidente que a obrigação da construção da história da profissão não se deve somente a estes novos gestores e sua equipe, mas também ao compromisso de todos os fisioterapeutas com a sua profissão, em todos os sentidos, tanto no ensino quanto na atuação.

Outro fator importante está na história da profissão, que também pode encontrar pontos fortes dentro da sala de aula, durante a formação do aluno. Se, no decorrer do curso, os docentes se responsabilizarem por esclarecerem a realidade da profissão e apontarem os pontos falhos, formarão profissionais mais preparados e dispostos a lutar pela profissão.

A evolução do ensino da Fisioterapia começou a tomar novos rumos em 2001, com o despertar do assunto nas Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia, instituídas pelo Conselho Nacional de Educação (CNE), que define os princípios e fundamentos da formação do fisioterapeuta.

As diretrizes dizem respeito à formação de um profissional generalista, humanista, crítico e reflexivo, apto a atuar em todos os níveis de atenção a saúde, tendo como base o rigor científico e intelectual.

Desta maneira, a formação trata de capacidades e competências, na qual, o profissional estará preparado para uma prática integrada e contínua com as demais áreas da saúde.

Este currículo oferece ao aluno o aprendizado vinculado à população, ao promover ações de cura e prevenção às necessidades destas pessoas.

Alguns profissionais alegam que se quer um profissional polivalente, mas que falta uma sistematização mais objetiva e organizada. NICIDA (op. cit., p.49) e MANOJO (op. cit., p.31).

Tanto uma formação generalista quanto especialista pode propiciar ônus e bônus aos alunos; tudo dependerá do tipo de representante da área que se deseja formar e do perfil de aluno almejado pela instituição.

Atualmente, discute-se muito não só sobre competências e habilidades, mas também em relação à formação de um profissional preparado para o mercado. Ainda assim, a realidade está distante; inúmeros cursos são criados e a qualidade dos profissionais no mercado é cada vez mais deprimente.

A procura pela profissão pelos jovens também aumentou de modo peculiar. Em contato com os alunos do primeiro ano, se constata uma realidade preocupante, pois alguns escolhem a profissão por modismo, enquanto outros, por desistência do curso de Medicina; infelizmente poucos se identificam com a profissão.

Em virtude disto, os docentes responsabilizam-se pela tarefa de apresentar a profissão aos alunos, na tentativa de suprir as primeiras expectativas e demonstrar com clareza a realidade de nossa atuação profissional.

Discutir sobre a formação de fisioterapeutas é, prioritariamente, preocupar-se com diversas facetas do ensino da Fisioterapia.

A docência em Fisioterapia muito se modificou: antes, médicos lecionavam e os ex-alunos de Fisioterapia, às vezes, o faziam sem remuneração. Hoje, nossa realidade superou alguns entraves; atualmente, os

fisioterapeutas lecionam, conferindo aos alunos um maior conhecimento sobre a atuação da profissão.

Temos fisioterapeutas formando fisioterapeutas...

Esta, sem dúvida, foi uma grande conquista, mas devido à oferta de profissionais no mercado, fisioterapeutas se formam e ingressam imediatamente no mestrado; começam a lecionar sem sequer refletir sobre a docência, devido à falta de mercado de trabalho.

Muitos questionamentos sobre o ensino da Fisioterapia permeiam este momento: sistema de ensino, constatação de aprendizagem, associação entre ensino, pesquisa e extensão, avaliação, dentre outros. O fisioterapeuta entra no cenário da Educação sem qualquer preparo ou identidade com a profissão docente.

Sem identidade, este docente adentra em sala de aula, passa a informação sobre sua disciplina e não se desvincula do tecnicismo, algo que ele aprendeu ao observar seus professores durante sua formação.

Movimentos diferentes, idealizados por diversos órgãos representativos, tentam auxiliar na resolução destas questões.

A Associação Brasileira de Ensino em Fisioterapia (ABENFISIO) fundada em 05 de abril de 2001, em Santos - São Paulo, caracteriza-se como entidade jurídica de direito privado, sem fins lucrativos, científico-cultural, de âmbito nacional, e tem por finalidade promover reflexões sobre a atividade docente em Fisioterapia (MANOJO, op. cit., p.33-4).

A ABENFISIO objetiva a melhoria do ensino da Fisioterapia no Brasil, incentiva a formação continuada dos docentes, assim como pesquisas científicas; estabelece relações entre os interesses dos alunos, dos docentes e

da comunidade. Como se pode perceber, trata-se de um movimento um tanto atual, tendo em vista o período da fundamentação da profissão fisioterapeuta.

Desde junho de 2005, a ABENFISIO firmou uma Carta Acordo de Cooperação Técnica com a Organização Pan Americana da Saúde e o Ministério da Saúde/ Departamento de Educação e Gestão em Saúde para a implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais de Graduação em Fisioterapia.

A Carta Acordo previu a realização de oficinas e encontros com a participação de docentes, discentes e profissionais de Fisioterapia por todo o país, com o objetivo de discutir a Implementação das Diretrizes Curriculares Nacionais para os cursos de Fisioterapia.

O objetivo destas oficinas é identificar os pontos mais difíceis frente à implantação das Diretrizes Curriculares e traçar estratégias para a superação das dificuldades através de embasamento teórico.

Assim, desde novembro de 2005, as oficinas reúnem mais de 155 cursos, quase 1.000 discentes, aproximadamente 650 docentes, 78 profissionais de serviço de fisioterapia, 22 gestores municipais de saúde e 17 representantes do conselho profissional, dentre outros.

Estas novas atitudes, frente ao ensino da Fisioterapia, são tentativas de se atribuir análises sobre a qualidade dos profissionais formados. A profissão vive um período marcante e difícil em sua história.

O número de cursos criados no país dispostos a formarem fisioterapeutas é cada vez mais assustador. Segundo o Ministério da Saúde, no período de 1991 a 2004, a Fisioterapia aumentou seu número de matrículas em 741,5% e, portanto o ENADE, realizado em 2004, avaliou 297 cursos de Fisioterapia, ou seja, a profissão cresceu em 600% nos últimos dez anos.

Muitos destes cursos não têm docentes qualificados e uma carga horária que permita a construção de um profissional preparado.

Ao afirmar sobre a existência de profissionais despreparados, refiro-me não somente ao fato de que a docência é uma opção de escolha para o jovem recém-formado, mas, por necessidades financeiras, muitos cursos contratam recém-formados sem qualquer titulação para o cargo.

Assim, ao desvelar o cenário da Fisioterapia e seu ensino, identifico que ele necessita de retoques, mas ainda pode vibrar, uma vez que a principal platéia - os pacientes - necessita de um olhar mais cuidadoso.

Refletir a prática pedagógica e construir as identidades, tanto de fisioterapeuta quanto de docente devem ser medidas adotadas agora, medidas já salientadas por outros fisioterapeutas-docentes, tais como MANOJO (op.cit., p.75), NICIDA (op. cit., p.105) e PINTO (op.cit., p.56).

É preciso adotar uma atitude interdisciplinar na formação dos fisioterapeutas; encarar o compromisso de formar sujeitos, assumindo-os como projeto de construção e busca, caminhos também já apontados por ALVES (2003, p.137), NICIDA (op. cit., p.106) e PINTO (op. cit., p.75).

A reflexão da pedagogia revela-se indispensável. É necessário estabelecer uma parceria intensa e verdadeira com os alunos; ouvi-los; acreditar em suas vontades e desejos de se tornarem fisioterapeutas, bem como já ressaltava PINTO (op. cit., p.73).

O conhecimento somente acontece quando se respeita o aluno. Estes devem ser vistos como sujeitos; o docente precisa conceber o conhecimento; trata-se de um compromisso com a aprendizagem do aluno.

Aqui, a grande contribuição da Dançaterapia na formação do fisioterapeuta. Ela redimensiona o lugar do corpo na Fisioterapia e entende que este corpo tem uma história, e, portanto é preciso olhar o outro como sujeito.

Trata-se de um novo estilo de ensino, através do qual, reconhecemos o aluno como sujeito e nos preocupamos com o aprendizado através do sentir, do querer e do vivenciar.

Não tenho a intenção de reduzir o ensino da Fisioterapia a Dançaterapia, mas quero atentar ao fato de que a Dançaterapia pode redimensionar o lugar do corpo para o fisioterapeuta.

O aluno, por meio de vivências corporais, terá novas oportunidades de construir o seu entendimento sobre um corpo com deficiência, passará pela experiência de se sentir paciente por um dia.

Ao vivenciar o lado do paciente, compreende-se sua angústia e automaticamente adota-se um outro olhar, enxergando o paciente como sujeito, alguém que está além dos limites físicos.

Os alunos se sentem mais seguros no quarto ano, pois se preparam para enfrentar as diversas situações que envolvem a vida de seus pacientes; a proximidade com a profissão desde o primeiro ano reafirma as certezas destes, e eles passam a desejá-la cada vez mais.

O aprendizado por meio de aulas teóricas e práticas permite aos alunos adquirir todo o conhecimento para a atuação profissional; o aluno aprende a fazer Fisioterapia, mas nenhum livro o ensina a Ser Fisioterapeuta.

Com as vivências corporais, promovidas pela Dançaterapia, o aluno absorve em sua formação um momento ímpar - aprende a ser Fisioterapeuta através do corpo.

Trata-se da “*escola palco*”, já defendido por BARRETO (2004, p.45), na qual existiria um tempo-espaço em que o sujeito pudesse Ser, sendo a escola um lugar de educação e de liberdade.

BARRETO (op. cit., p.43) busca compreender o sentido da escola no corpo, nos sentimentos, na experiência e na vida. Assim, ao ir de encontro a um ensino mais sensível e humanizado, a autora estabeleceu parcerias com a concepção de educação de DUARTE JÚNIOR (1995), fundada na beleza e fundamentada na estética, a qual envolve uma idéia de construção do conhecimento a partir de percepções e sensações pautadas no estímulo à imaginação e a criatividade.

Porém, para esta escola, penso num docente diferenciado; um docente dotado de humildade, disposto a ouvir e construir parcerias, um verdadeiro mestre, que permita ao aluno ser ele mesmo. Alguém que conhece o momento certo de subir ao palco e de descer à platéia.

Esta visão compartilha a de PEREIRA (2005, p.18-9), ao defender o conceito de que as dimensões do sujeito devem ser respeitadas, pois é preciso pensar em uma Pedagogia voltada para Sujeitos. A escola deve afirmar o seu papel de formar sujeitos autônomos, livres e responsáveis.

Os sujeitos conhecem, agem, sentem e querem e, portanto, são construtores de suas próprias vidas. Para tanto, as atividades pedagógicas devem fazer referência a esta Pedagogia do Sujeito, na qual, alunos e professores formam-se mutuamente e se reconhecem sujeitos.

À partir destas proposições, fui instigada a investir em leituras sobre a compreensão da importância de um ensino que permitisse o sentir e o querer em processos de aprendizagem, ou seja, um ensino no qual a afetividade e a parceria reivindicassem seu espaço, pois, somente desta maneira, o meu compromisso, enquanto docente de formar sujeitos, cumpriria o seu propósito.

Foi quando, ao ler “*A construção amorosa do saber*” de BYINGTON (2003), consegui visualizar a contribuição da Pedagogia Simbólica Junguiana, cuja origem vem da Psicologia Simbólica Junguiana, direto aos meus anseios.

Eu havia encontrado mais respostas... mais parcerias...

Tudo porque a Pedagogia Simbólica Junguiana se propõe a ultrapassar as limitações do ensino tradicional, tais como, a separação entre o sujeito e o objeto, o racionalismo e a falta de vivências; busca desenvolver as quatro funções da consciência: o pensamento, sentimento, sensação e intuição. Esta proposta defende o conceito “quem decora não aprende”, mas quem vivencia, aprende verdadeiramente - não esquece.

Segundo BYINGTON (2003, p.17), “*A mensagem principal da Pedagogia Simbólica Junguiana é baseada na vivência e no desenvolvimento simbólico da Psique dentro do vínculo transferencial amoroso professor-aluno*”.

Desta forma, compreendi que o corpo transforma-se em uma dimensão expressiva de símbolos, o que justifica a utilização de técnicas expressivas, tais como a dança, uma ferramenta de aprendizagem. Principalmente em se tratando de alunos hipercinéticos ou depressivos, pois estes não conseguem aprender pelas vias racionais, que dissociam o corpo da mente.

Para a Pedagogia Simbólica Junguiana, a música, a pintura e o desenho são importantes para estimular o aprendizado através do som e da imagem em associação com a palavra, tornando o ensino mais prazeroso.

Segundo BYINGTON (op. cit., p.163), o educador que se abre para as vivências do corpo de si próprio e de seus alunos verá que o aprendizado sensório-motor freqüentemente é mais saudável e existencialmente mais inteligente que o operativo e conceitual. Este tipo de prática enriquece o ensino por torná-lo prazeroso, espontâneo, sentimental e intuitivo, exatamente por resgatar o subjetivo, intensificando a motivação no ato de aprender.

Assim como complementa BATISTA (2003, p.94), ao dizer que o modelo de ciência baseado na disciplinaridade, no qual o conhecimento sofre dicotomias, será abandonado por não atender mais às necessidades de um novo tempo.

É indispensável optar por um ensino que reconheça e forme sujeitos.

Um ensino que não abandona os anteriores, pois só o embasamento na questão vivencial não é suficiente para o enfrentamento da vida.

Contamos com uma proposta de ensino de alteridade, tal como propõe BYINGTON (op.cit., p.196), um ensino de equilíbrio entre o patriarcal e o matriarcal, pois este último devolve aos alunos a motivação do aprender e a capacidade de encontrar no ambiente escolar o interesse pelo saber.

Em verdade, é preciso revisitar o velho e transmutá-lo em novo, porém sem desprezar os conhecimentos anteriores.

O ensino de alteridade opera dentro da magia, da causalidade e da sincronicidade, o que o torna único e muito criativo. O método racional é limitado diante da tarefa de se tornar emotivo e espontâneo, e não podemos

ensinar ciência sem arte, caso contrário, seria a morte da escola. A possibilidade de união entre ciência e arte deve ser uma porta que se abre para a Educação.

O mais encantador deste processo é saber que estes educadores já existem, porém muitos se calam frente à não compreensão do método exclusivamente racional. São sujeitos dotados de uma atitude interdisciplinar, porém quietos.

São docentes-mestres com uma capacidade incrível de acompanhar o amadurecimento do outro; alguém realmente dotado de afeto por aquilo que faz.

Sendo assim, a obrigação é transmutada em satisfação; a arrogância transforma-se em humildade; a solidão é alternada pela cooperação, a especialidade pela generalização, a reprodução pela construção do conhecimento; porém, o docente precisa querer.

Segundo FURLANETTO (2002, p.167), este movimento de mudança, esta atitude interdisciplinar de flexibilidade e abertura ao novo, amplia o conhecimento dos alunos; eles mesmos começam a amadurecer e a adotar uma postura interdisciplinar a partir da inspiração em seus professores.

Para JOSGRILBERT (2002, p.86), interdisciplinaridade é muito mais do que um conjunto de disciplinas; é uma libertação de modelos estabelecidos, é saber unir a arte com ciência, usar a utilidade do tempo, no qual, o aprendizado poderá começar através de um simples olhar.

Trata-se de um docente que primeiramente consegue se olhar internamente, desperta o olhar para o outro, para o mundo, e deixa nascer o Ser Professor.

A metáfora do olhar adquire uma forma, um movimento que comporta a simbologia de cada um dos sujeitos, porém identifico uma partícula comum a todos eles: o olhar conduz os sujeitos à formação de parcerias.

É como afirma RANGHETTI (2002, p.87): viver parcerias em educação é acreditar no valor da afetividade entre professor e aluno, é ampliar o olhar e a escuta em uma tentativa de desvelar cada um de nossos alunos através dos atos de aprender e de ensinar.

Viver a afetividade é viver um tempo de magia em meio à racionalidade, revisitando o velho com respeito e realizando sua metamorfose em novo; é viver a atitude interdisciplinar, o ensino de alteridade à luz da Interdisciplinaridade.

Na verdade, compreendo agora que, para transformar o espaço de aprendizado através de uma proposta de alteridade, deve-se adotar o percurso do caminho interdisciplinar.

Recordo-me do desejo de encontrar teorias e pressupostos na educação, autores e parceiros dispostos a dialogar sobre a possibilidade de um ensino diferenciado, mais humanitário e intenso; algo que demonstrasse horizontes possíveis a serem trilhados pelas minhas intuições e meu modo de ser professora...

E encontrei a resposta.

Neste momento de minha escrita, já não me vejo como uma docente que apenas rabisca atitudes interdisciplinares, porque tecei o caminho da Interdisciplinaridade. Revisitei minha prática com olhos atentos; busquei conhecer melhor o meu lugar, realizei o exercício da memória e fiz a composição de minha história.

Agora saboreio a grandeza das palavras de ROSITO (2002, p.170) ao afirmar que a Interdisciplinaridade é a união entre coração e mente, porque também acredito nisto.

Em verdade, a dança sempre foi a minha prática e seus atributos estão presentes em meu modo de agir como professora; esta é minha marca, minha essência - trata-se de uma Solange verdadeira e presente em seu compromisso.

Edifiquei os conceitos e escolhi o caminho da interdisciplinaridade para me encontrar, reuni forças para defender esta qualidade de ensino na formação do fisioterapeuta... o ensino de alteridade proposto por BYNGTON (op.cit., p.196).

Confesso que estes meus primeiros passos foram longos, porém encantadores, e me permitiram edificar uma beleza inigualável frente à Interdisciplinaridade, uma base sólida que construí para enfrentar meu novo desafio; adentrar nos âmbitos da Formação Docente e edificar mais uma etapa da construção do meu SER professor, fazendo jus às palavras de FAZENDA (2000,p.198)

*“O professor que não cuidar de sua própria produção, que não construir com afínco, tijolo por tijolo, seu lugar no mundo da pesquisa, que não explicar com detalhes a forma como nasceu e desenvolveu sua linha, se essa linha não for portadora de um **lastro** substancioso que a ele confira confiabilidade e credibilidade é um **ninguém**, nunca se será nem para si, nem para seus orientandos, modelo de nada, muito menos pólo de atração de pesquisa convergentes à sua.”*

CAPÍTULO IV

A DANÇATERAPIA NOS ESPAÇOS DE FORMAÇÃO

A vida é como uma grande correnteza, que busca o incansável encontro com o oceano... Ora sua força é avassaladora, ora desce suavemente por seu caminho... Ora é turva, ora límpida, quando mostra verdadeiramente sua essência.

Muitos obstáculos fazem parte deste caminho, o que pode desvirtuar verdadeiras intenções. Neste momento, somente com uma atitude de grande sabedoria se é capaz de reverter o fluxo, para encontrar modos diferentes de prosseguir na busca de um ideal: o incansável encontro consigo mesmo.

O único fato que não se consegue mudar no decorrer do percurso refere-se ao fato do início ser indispensável... dar os primeiros passos...

Quando criança aprende-se a andar... Na escola, a estudar... Na adolescência, a amar... Na universidade, aprende-se a teorizar e praticar... No mestrado, acreditar e pesquisar... Porém, confesso que com a dança, aprendi a sonhar e a maravilhar-me com o sabor da conquista dos primeiros passos.

Ao escrever sobre as primeiras nuances de meu encontro com os teóricos da Educação, senti-me sozinha e totalmente despreparada para adentrar em um universo tão desconhecido. É como voltar no tempo e relatar a primeira vez em que olhei a dança de perto.

Quando começaram as primeiras aulas no Mestrado, perdia-me nesse novo universo. Não entendia as leituras e travava uma ambigüidade de sentimentos. A ansiedade por uma receita pronta de “como fazer?”, somado ao

fato de não conseguir esperar, constituíram muitas das minhas primeiras angústias.

A descoberta de novos autores em Educação me deixava a certeza de que a docência em Fisioterapia precisava ser modificada e os espaços de encontro entre docentes deveriam abordar não tanto os problemas burocráticos, mas, ser um momento de reflexão.

Porém, o Mestrado me conferia uma liberdade de expressão muito grande, por mais que eu não soubesse intensamente sobre um determinado assunto. O ambiente acolhedor proporcionado por colegas e professores impulsionava-me a buscar mais.

Diferentemente do que acontecia no Curso de Fisioterapia. O sentimento de solidão, por não conseguir explicar com palavras, aos outros docentes do Curso, a contribuição da arte da dança na formação do fisioterapeuta, minava em meu ser as certezas construídas ao longo de minha história de convivência com esta arte.

Recordo-me de algumas palavras de FAZENDA (1994, p.49) sobre a angústia de muitos professores, que se sentem sozinhos e perdidos em seu universo, e que tentam encontrar respostas para as suas ações. São professores ousados, que buscam formas de ensino diferentes das tradicionais, nas quais, encontram-se totalmente envolvidos em seus atos e transformam em possibilidade o seu sonho. Muitos chegam a duvidar da validade de seu esforço, embora se apoiem no sucesso de seu trabalho; porém, o sentimento de solidão e a resistência dos outros colegas marcam suas trajetórias; seus projetos incomodam a instituição.

Quero referir-me, neste momento, a muitas reflexões que fiz durante o Mestrado, sobre minha graduação e atuação enquanto docente. Compreendi

meus questionamentos e me apoderei da vontade de inovar a formação do fisioterapeuta; compreendi que este desejo sempre me acompanhou.

A palavra “acomodação” não faz parte de um processo de vida regado pela arte da dança, pelo contrário, a busca incessante pelo novo, pela diversidade e pela possibilidade de entregar-se sem me prender a regras, fala mais alto.

A dança regrada não é arte - é performance; algo que em nada enriquece em uma formação. Dançar intensamente traz abertura a novas oportunidades; compreensão ao fato de que podemos somar alguns passos novos aos primeiros, sem desconstruir a ritmicidade do movimento.

Esta certeza todos nós, bailarinos, temos; a base da dança precisa ser bem sólida e fundamentada; porém, devemos quebrar fronteiras... Inovar. Quem não inova, perde a capacidade de sonhar... E quem não sonha, não compreende que, ao deixar de sonhar, morre por dentro.

Agora, minha correnteza turva começa a clarear. Parece que consigo respirar depois de um período sufocante.

O encanto maior destes escritos foi identificar a possibilidade de não estar mais sozinha, e a tentativa de encontrar e buscar diálogo com estes colegas, dotados de modos similares de pensar Educação, repletos de vontade de ensinar e compartilhar com seus alunos tudo o que sabem. Dotados de uma atitude interdisciplinar para o conhecimento.

Centenas de perguntas poderiam ilustrar meu primeiro encontro com a Interdisciplinaridade. As dúvidas saltavam aos milhares. O contexto era novo, o cenário pouco conhecido, porém, uma intuição eu tinha: talvez fosse a certeza que tanto eu procurava...

Desta forma, ao buscar soluções possíveis aos meus questionamentos, ouvir falar sobre interdisciplinaridade, e confesso que não imaginava a sua importância e muito menos conhecia sua amplitude; não conseguia perceber o que viria a ser esta nova atitude, embora acreditasse muito nela.

Fiquei simplesmente encantada com tudo o que li e aprendi. As palavras de FAZENDA (2002) em sua obra “*Dicionário em construção*”, trouxeram-me a certeza de que minhas crenças sobre o verdadeiro ato de educar estavam caminhando para o rumo certo, embora acreditasse que meus atos, enquanto docente, ainda não eram interdisciplinares em sua totalidade, mas talvez traçassem rabiscos desta atitude.

Buscava responder meus primeiros questionamentos sobre o “Ser Professor” e seu compromisso, e percebi que a Interdisciplinaridade deveria ser o caminho percorrido, o percurso de encontro entre os valores da dança na formação do fisioterapeuta, porém, ainda se tratava de um ensaio.

Complementei nuances acerca da temática, quando BATISTA (2003, p.94-5) situou a atitude interdisciplinar e a esclareceu como um ato inovador diante do conhecimento, que exigia espera e humildade. Algo que nos conduziria a parcerias e trocas na construção de um aprendizado para a vida.

Foi indescritível a maneira como senti a congruência de meus pensamentos com os da autora e pude amenizar minhas incertezas e medos; acreditar que seria possível, desde que compreendesse o verdadeiro sentido de parceria.

Assim, edifiquei alguns pontos importantes sobre o ato de Ser Professor.

É necessário refletir sobre a prática, com muita humildade, para aceitar que todos os sujeitos estão em processo de formação, inclusive nós, professores, pois o conhecimento não é estanque, e sim mutável, traduzindo a necessidade de um tempo.

Atender às necessidades de um tempo se traduz em ato de muita coerência frente ao papel em sala de aula, mas também de muita espera, pois nem todos os sujeitos se desenvolvem ao mesmo tempo, e neste momento caberá o compromisso de respeitar a individualidade do outro e adotar a postura de um mestre, para observar à distância a construção do aluno.

A humildade em acreditar que a formação é um processo contínuo conduz à aceitação da contribuição dos diversos sujeitos em nossa história, pois na sala de aula teremos sempre processos de construção tanto individuais quanto coletivos, e estes são pautados na reciprocidade entre alunos e professores; afinal somos parceiros.

Para que isto ocorra, faz-se necessário o diálogo entre ambos, durante a construção do saber. Aprende-se por meio da troca a cooperação para um ensino de mais qualidade e verdade. Aprende-se a caminhar nos espaços incompletos e a preenchê-los com a essência de cada um dos alunos.

E somente a partir destas edificações é que se consegue ter a ousadia de revisitar o velho e transformá-lo em novo. Trata-se de um “saber” que elabora muito bem o seu conhecimento e o transforma em um “fazer” diferente através da reflexão.

Este é o percurso da arte de Ser Professor tomada pela atitude interdisciplinar.

Pode-se atribuir muitos adjetivos à interdisciplinaridade, tais como, polissêmica, essencial, realista, futurista, enfim, palavras e mais palavras. Porém, quando penso em interdisciplinaridade, somente esta me salta aos olhos: ATITUDE. Esta palavra constitui o meu ser e faz parte do que acredito; sendo assim, atrevo-me a tentar esclarecer o seu significado.

Atitude é uma ação que exprime a capacidade de assumir as convicções com coragem e ousadia na busca pelo novo, no desafio de abrir fronteiras, pautados na humildade da reflexão, para reencontrar a essência.

Não são precisos materiais didáticos para se começar um processo de mudança, mas adotar uma nova postura e transformar a sala de aula em um espaço de trocas e aprendizagens, para que se possa formar pessoas felizes e dispostas a viver a vida com mais intensidade (JOSGRIBERT, 2002, p.86).

Esta descrição ainda se faz pobre frente à grandiosidade de sua ação; assim, fiz-me valer de outros meios para concretizar este meu desejo. Pensei em produzir uma pintura rica em detalhes, entrelaçada com cores vivas, com a forma da linha do horizonte; porém não traduziria a *atitude* como algo *dinâmico*.

Depois, pensei em uma escultura, totalmente *disforme*, com curvas *ascendentes* e *descendentes*, cheia de cores, com desenhos *em formação*, mas novamente ela seria estática e não representaria a *ebulição* imaginada.

Perfeito seria fazer o papel *dançar* com cores vibrantes, cheias de *vida* e realizar movimentos *diferentes* embalados em uma música contemporânea; mas, como fazê-lo dançar?

Na tentativa de realizar este meu desejo, deparei-me com as palavras em destaque e compreendi que elas faziam parte da minha história de vida.

Interdisciplinaridade é atitude, o desejo de querer aproveitar intensamente a vida, de não temer a entrega e vivenciar tudo o que for proposto; de dançar além do palco e experimentar a possibilidade de aprender através do novo.

Este aprendizado não é quadrado, imóvel, intocável, muito pelo contrário, pode ser construído, é mutável, dinâmico e se constitui à partir de todos.

Admitindo o fato de que sujeitos estão sempre em construção, na constituição do “ser” contatamos a raiz dos valores, a fluência dos sonhos, a liberdade do pensamento, o encanto do sorriso, a magia do olhar, a confiança do toque; enfim, somos a simplicidade de apenas Ser.

Por isto, a grande beleza da vida fundamenta-se no “dançar de acordo com a música”; modelar o corpo frente às incertezas e se permitir ritmar para além da melodia; é saber ser bailarino e platéia ao mesmo tempo; ter uma atitude de reverência aos tantos que passam no nosso caminho e deixam suas marcas; é essencialmente saber Ser interdisciplinar.

Talvez, se eu pudesse demonstrar a interdisciplinaridade em meu corpo, dançaria além de minhas possibilidades, incansavelmente, dentro deste meu acreditar, meu querer; e celebraria a alegria de reencontrar-me depois de tantos desencontros, depois de tanto tentar e deixar de acreditar, de tanto sonhar e me magoar, de tanto cair, para finalmente, me levantar...

Assim construí a identidade da interdisciplinaridade através do diálogo com os diversos autores durante o Mestrado, os quais, me preencheram por completo e me fizeram enxergar a construção do velho em algo novo.

Porém, devo ressaltar uma obra que me fez ter mais convicções sobre as contribuições da linguagem corporal nos espaços de formação.

Em seu livro, *Interdisciplinaridade: qual o sentido?*, FAZENDA (2003) se propõe a consultar teóricos que realizaram estudos sobre a Educação em várias décadas, e ousa fazer interlocuções com sua própria produção na área, ao revisitar a questão da palavra e chegar na teoria do educar tendo-a como base. A coragem e ousadia da autora, ao superar os limites das especificidades na construção da prática interdisciplinar, me levou a valorizar o que sou, conferindo-me ousadia para perseguir minhas metas.

A autora esclarece que pensar e falar são ações complementares, às quais permitem-se conhecer o Ser. É através da comunicação com o outro que o homem conhece a si e aos outros; portanto, a comunicação tem uma força criadora. Também não posso deixar de ressaltar que as observações feitas sobre o uso da palavra, através da linguagem, elucidaram diversos dos meus questionamentos (FAZENDA, 2003, p.32-3).

Como seria constatar em uma situação de aprendizagem, o uso da linguagem essencial, com total liberdade, que conceda o conhecimento a si mesmo por meio da interação com o outro; no qual nada é imposto e tudo se constrói no diálogo entre professor e aluno; no qual a força criadora se dá por um conhecimento dinâmico e não passivo, preenchido por uma sabedoria disciplinarmente interdisciplinar; no qual se caminha, na ambigüidade da ação e da espera, porém sem o uso da palavra... talvez através da dança.

Dançar... Convite mágico, antes desconhecido, agora pretensioso e ousado, repleto de vitalidade ao encontrar a força de parcerias de outros autores, ao adentrar na afetividade e ao descobrir a essência de um olhar interdisciplinar.

Dançar agora pode ser traduzido como sonhar, dialogar, acreditar, partilhar, construir, inovar e possibilitar...

Dançar é prazerosamente saborear a vida; trata-se de um momento de reencontro com a alegria, a inspiração, a coragem, o desejo, a impulsividade, com a busca eterna de si mesmo.

É assim que me sinto após tantos devaneios, angústia e solidão; na verdade, experimento agora e me entrego ao gosto da conquista dos primeiros passos.

Agora, danço com liberdade, liberdade de expressão; danço com voracidade, voracidade de inovação; danço com suavidade, suavidade de espera; danço com a deformidade, deformidade de desconstrução; danço com afetividade, a afetividade de formar-me.

É deste lugar que agora falo, após tantos encontros e desencontros, após tanto prosseguir e temer olhar para trás, após pensar em deixar de fazer o que amava com a preocupação de errar. Falo do lugar da docente, que se formou e se forma a cada vocábulo, a cada linha, a cada capítulo, deste meu pesquisar.

Sim, formar-me. Não como uma fôrma, engessada pela escolha de me acomodar; mas, sim, com uma forma, que se transmuta a cada segundo por assumir o desafio de sempre dançar...

O mais belo deste processo é poder compreender que me formei na ambigüidade. Sim; na ambigüidade de falar e ouvir, de ler e redesenhar, de agir e esperar, de ser plural e singular, de ser disciplinarmente interdisciplinar.

Ambigüidade que faz parte e permite compreender diversificações, polivalências, multifacetadas, agregadas ao sujeito, pois este é o propósito da vida: formar a partir de todos os lugares, pessoas, palavras, gestos, olhares...

Atrevo-me, então, a descortinar a palavra formação, em todas as suas vertentes, e descobrir mais este processo da vida, que me parece ser absolutamente encantador.

Ao perceber a amplitude da formação, intriguei-me com a responsabilidade do professor, pois, ao mesmo tempo em que existe uma responsabilidade para formar sujeitos, também há a responsabilidade para nos formar sujeitos. Os processos se complementam, se somam, se agregam.

Formar-se professor faz diferença no ato da docência? O quanto formar-se professor permite verdadeiramente “Ser Professor”?

Estes questionamentos provocam e instigam o aprofundamento adentrar neste universo: a Formação Docente e sua contribuição para a construção do Ser Professor.

Sinto-me profundamente tocada pelas palavras de BATISTA (2002, p.135-7) que reafirma e esclarece muito bem o meu entender de todo o processo ocorrido com o sujeito, quando este permeia os caminhos da Formação Docente.

Compreendi que os espaços de Formação Docente são importantes para aqueles que buscam novos saberes e, portanto, não devem ser momentos de pura racionalidade e tecnicismo, pois isto não contribui para a construção deste sujeito.

Concordo com suas palavras, pois o aprendizado ocorre não somente através da inteligência, mas também através do sentir, do querer e do vivenciar. Receitas prontas não permitem o “ser”.

Segundo BATISTA (2002, p.137), “enformar” um profissional dentro de um modelo tecnicista, que tenta dizer como atuar em sala de aula, no

mínimo confere uma condição desumana, pois é preciso acreditar que este sujeito não pensa, não reflete sobre sua prática e, assim, o aluno é colocado em uma fôrma e engessado com todo o cuidado, para que este tenha as mesmas características dos outros, o processo é homogêneo por excelência.

Acreditar nestes princípios é negar nossa capacidade de ação; o melhor está em proporcionar aos docentes uma oportunidade de crescimento, que abrange conteúdos pessoais e profissionais; algo que os valorize.

Refiro-me aos conteúdos pessoais, porque acredito que a formação constitui um processo contínuo, sempre em construção, que permite revisitar as experiências e vivências para compreender o lugar de onde se fala; refere-se ao aprendizado através da reflexão sobre a prática no qual se valoriza a história de vida.

Creio que, quando se diz sobre Formação, há necessidade em ter consciência de que se trata de uma proposição de condições reais de aprendizagem aos sujeitos; valorizando suas crenças e valores; ressaltando suas práticas vividas no passado e construídas no presente, para que este docente possa acreditar no processo de formação.

A educação de nossos alunos depende de novos saberes, mas também mantém uma relação de dependência muito forte com o Ser Professor; deve-se valorizar a docência e o crescimento pessoal dos profissionais.

Remeto-me aos escritos de FURLANETTO (2003, p.14), que aponta para a importância de uma formação de professores apoiada na concepção de um sujeito aprendiz, dotado de sentidos e vivências; alguém desprendido da racionalidade técnica, capaz de atender à complexidade da realidade e fazer da escola um momento ímpar de aprendizado. Os cursos de Formação de

Professores devem se preocupar em formar novos sujeitos e não somente em fornecer recursos teóricos e técnicos.

Para falar em formação de profissionais tornam-se indispensáveis exigências quanto à técnica e posturas éticas; o processo de ensino deve abranger estas preocupações. É esperado deste docente o conhecimento técnico de sua disciplina, habilidades didáticas e pedagógicas, o compromisso com a sua formação docente, o investimento em sua autonomia intelectual, afetividade e ética diante de suas ações acadêmicas (BATISTA, op. cit., p.188-9).

Assim, fica elucidado que não é fácil a tarefa de “Ser Professor” universitário. O professor precisa formar-se para conseguir atender a tantas exigências, mas este processo não acontece em sua totalidade.

Presencia-se na docência universitária, profissionais que a enxergam como uma semi-profissão, um ato secundário, que garante ao docente um aumento de salário e o reconhecimento em seus locais de trabalho; trata-se de um “*professor da faculdade*”(ALVES, 2003, p.81).

A discussão sobre os atos de ensinar e aprender ficam em segundo plano, o que acaba por comprometer a aprendizagem e a formação do aluno.

Na verdade, este tipo de visão acontece, porque muitas instituições não conferem aos seus docentes espaços dedicados à sua formação.

MANOJO (2004, p.70) afirma que os docentes não constroem sua identidade, não conseguem edificar a profissão de professor; torna-se mais importante ser médico, engenheiro, fisioterapeuta, advogado, do que professor.

Constata-se o velho padrão adotado no Ensino Superior, em especial na área da Saúde, no qual “basta saber para poder ensinar” e, portanto, o profissional assume a docência sem ao menos pensar sobre o assunto.

Um outro ponto importante para se entender a docência universitária, refere-se à crença de que somente a simples passagem por uma pós-graduação *stricto sensu*, ou até mesmo por uma especialização, já confere ao profissional a qualificação para atuar na docência.

PIMENTA et al. (2002, p.214) alerta para o fato de que esta afirmação faz parte da legislação educacional de nosso país, na qual a questão da formação docente é abordada de modo superficial e secundário.

A LDB, em seu Art. 66, não concebe a formação docente como um processo, mas como uma preparação para o exercício da docência, que será adquirida prioritariamente no *stricto sensu*.

Também não se pode esquecer os cursos *lato sensu*, que buscam a preparação de seus alunos para o ato de docência através de disciplinas como Metodologia do Ensino Superior ou Didática do Ensino Superior, disciplinas voltadas para o domínio de técnicas didáticas, assim como alguns projetos de formação docente.

O problema é persistente e se reflete na docência na área da Saúde, crescendo a baixa credibilidade na verdadeira formação docente destes profissionais. A triste frase ouvida é: “Você somente dá aulas?”.

Outro ponto ressaltado por BATISTA e BATISTA (2002, p.195) é o fato de que entre o professor e o aluno existe um terceiro componente: o paciente; e este se faz presente durante o ensino; é sujeito e objeto ao mesmo tempo.

Assim, outras questões estão em jogo, tais como a ética e a humanização do ensino; não se pode “*coisificar*” o estudo do ser humano, no caso, os pacientes (REGO, 2003, p.19).

REGO (2003, p.40) alerta para o fato de que considerar somente as necessidades psicológicas dos pacientes, não confere o direito de dizer que o profissional respeita a autonomia e a condição humana destas pessoas.

Estes valores precisam ser construídos no aluno durante o seu processo de formação.

Muitos cuidados devem envolver o ato de cuidar e prestar serviços a uma outra pessoa e, enquanto docentes na área da Saúde, ao nos articular entre os diferentes papéis sociais de professor e agente promotor de saúde, é preciso refletir e praticar uma série de valores.

Urge, na docência universitária em Saúde, a necessidade de um “novo” professor, alguém que assuma a importância da formação docente em conjunto com a sua formação específica, conferindo aos alunos garantias de um ensino de qualidade, um ensino construtor de conhecimento e atitudes.

Um professor disposto a revisitar sua prática, desconstruir suas certezas e dialogar com as teorias educacionais, compreendendo que além do “Saber” e “Saber-Fazer” é importante “Saber Ser Professor”. E, para tanto, solidifica-se a formação do professor como essencial ao seu exercício.

Um educador que compreenda a formação como um processo contínuo, alguém disposto a refletir, modificar suas ações pedagógicas e contribuir para o seu processo de desenvolvimento.

E neste processo de reflexão sobre a própria prática, não se pode esquecer o espaço que cabe aos atores principais - os alunos - a construção é coletiva e a parceria deve sempre acontecer.

Não é fácil tornar-se professor; é preciso almejar tal investimento; ter disponibilidade para mudanças, assim como atitudes de coragem e humildade.

MISUKAMI (2002, p.49) destaca a importância de se levar em conta as crenças, valores e metas dos professores quando pensamos em sua formação, pois eles realizarão suas atividades em sala de aula à partir destes olhares. Para tanto, identificar de onde os professores falam, o universo em que eles habitam faz-se primordial.

As exigências sociais centralizadas na “figura do professor” não serão solucionadas por técnica alguma, mas sim por uma formação que permita ao professor o crescimento pessoal e profissional.

É preciso esclarecer o propósito real da formação docente, porque ela pode ter dois rumos. O rumo da racionalidade técnica ou o da proposta de desenvolvimento do docente enquanto profissional, não significa que a racionalidade técnica seja ignorada na segunda proposta, mas ela compõe um lugar de menos destaque.

Deste modo, é preciso compreender que a prática de um ensino reflexivo depende de uma formação reflexiva, na qual, o professor questiona a sua prática pela releitura de suas vivências, e assim, constrói novos rumos dentro da sala de aula.

Refletir sobre o que se faz agrega-se às necessidades desta nova demanda social, porque o mundo e a sociedade se transformaram; a

pluralidade, democracia e participação acabaram influenciando as concepções de conhecimento.

Recordo-me das palavras de HALL (2003, p.38-9), afirmando que vive-se um tempo de descentralização do sujeito moderno; a identidade do sujeito, antes fixa, estável, agora é inacabada, fragmentada, aberta e contraditória.

Um novo projeto para a escola deve ser criado, pois, agora, ela tem o compromisso de atender às necessidades destes alunos tão diversificados; trata-se de um novo olhar. Sendo assim, os modelos de Formação de Professores baseados na racionalidade técnica não dão conta da realidade; precisam adotar uma nova concepção do saber.

Aprendi a respeitar a Formação de Professores a partir da racionalidade prática, pois ela possibilita respostas a esta nova realidade. Constatou-se uma nova concepção, entendida como um processo contínuo, a qual também abrange as diferentes contribuições de cada um dos alunos, e todos juntos constituem este novo espaço.

Desta forma, o professor construirá o seu conhecimento profissional de forma processual e contínua, transcenderá o conhecimento da racionalidade técnica e a unirá sua formação inicial com a continuada.

Deve-se ter, esclarecidas, as dicotomias entre os distintos modelos de formação de professores. A racionalidade técnica se orienta pelo conhecimento das teorias e técnicas da ciência básica e posteriormente discute as habilidades no uso das mesmas; por outro lado, a racionalidade prática supera a relação técnica e mecânica do conhecimento e permitindo a observação prática de sala de aula, porém sem desprezar o tecnicismo.

Este novo tipo de formação de professores abre espaços para os diferentes conhecimentos do saber escolar; ouve os alunos e prepara o professor para entrar em comunidades de aprendizagem com culturas diversas.

Um novo docente é exigido pela sociedade: um sujeito polivalente, competente, prático, reflexivo, crítico, intelectual, inovador e eficaz. A realidade mostra que, embora estas exigências sejam necessárias, as dificuldades de valorização da docência, enquanto profissão, são inúmeras, principalmente quanto às questões de custos; sem contar a desvalorização do aprendizado do docente.

A Formação Docente deve ser encarada como uma trajetória, composta por reflexões sobre a prática, na qual se articula a formação inicial e em serviço, além de se sobressair à participação ativa, tanto de quem aprende quanto de quem ensina. Trata-se de uma formação que vai além do conceito de treinamento e de reciclagem, tal como, um curso de curta duração oferecido nas universidades.

O conhecimento docente se produz a partir da desconstrução de suas certezas, hipóteses e verdades estabelecidas, e esta produção nunca é isolada, sempre existe uma troca, uma parceria, principalmente entre pessoas de diferentes níveis de desenvolvimento profissional, para que os desafios sejam vencidos coletivamente.

É preciso encorajar o professor na construção de parcerias; acreditar no valor da formação...

PEREIRA (2002, p.111) também levanta problemáticas que preenchem os escritos de MISUKAMI (2002). O autor relata que a escola se apresenta como uma instituição anacrônica, e nosso país carece de uma política educacional consistente.

O reflexo desta situação é repassado ao professor, que muitas vezes se sente solitário, sem espírito de luta, por se considerar dentro deste processo, injustiçado e lançado à própria sorte. Assim, estes se tornam somente transmissores do saber, verdadeiros escravos da instituição, e mesmo assim abandonam sua identidade docente e assumem a de pesquisador, como se fossem processos distintos.

CÂNDIA E ÁVILA (2003, p.251) também deixam suas marcas ao discutirem a formação docente. As autoras, ao definirem o conceito do termo formação, contribuem para o nosso conhecimento, porque relatam todos os sentidos embutidos nesta palavra, nos fazendo entender que ela compreende não somente a capacitação profissional, como também tem uma função social, e principalmente deve estar vinculada à formação humanista daquele sujeito.

Portanto, também consideram a formação como um processo contínuo, progressivo, no qual o docente sempre acrescentará novos conhecimentos: o original soma-se ao velho em busca de diferentes estruturas.

A história das vivências de um docente é muito rica, e se trabalhada durante o processo de formação, oferecerá oportunidades ímpares de aprendizado, pois o professor compreende-se como sujeito agente e não como um simples objeto. Além disso, a partir do relato oral ou escrito destas vivências, discussões entre os profissionais serão realizadas e, portanto uma construção coletiva surgirá; temos muito que aprender através do outro.

Desta forma, muitas práticas que se propõem a formar professores estão baseadas em tecnicismo e supervalorização dos conteúdos e se esquecem do caráter humano daquele aprendiz; desvalorizam-se os aspectos afetivos, e isto impede uma aprendizagem diferenciada. Obviamente que a Didática, os Conteúdos e a Metodologia são importantes, mas não somente isto.

Esta busca do docente em construir novas facetas e se autoconhecer, a fim de interagir com seus alunos é imprescindível, pois, ao meu ver, além de “saber” e “saber-fazer” é relevante “Saber-Ser”.

Uma grande questão, levantada por CÂNDIA e ÁVILA (2003, p.258), diz respeito à dificuldade de aceitação dos jovens docentes e principalmente o desencantamento que estes sofrem dentro da Instituição, no qual, a única solução é a expansão do olhar institucional ao docente, encorajando-o a enfrentar as dificuldades para construir novos saberes.

FURLANETTO (1997) em sua tese “*A Formação Interdisciplinar do Professor sob a ótica da Psicologia Simbólica*”, me fez deslumbrar com os encantos dos valores da alteridade nos espaços de formação docente, ao assegurar que o respeito, o diálogo, o encontro dos docentes com o aluno e o conhecimento são a busca desta nova escola em adequação ao tempo. A autora relata que para aprender, o sujeito necessita pensar, identificar, relacionar, observar, aplicar... mas também sonhar, sentir, significar, re-significar, vivenciar... habilidades esquecidas pela escola.

FURLANETTO (1997, p.148) afirma, ainda, que ao resgatar esses valores dentro do espaço de formação, o professor terá a oportunidade de encontrar seus próprios contornos e de reconhecer o seu professor interno; ele tomará consciência de sua prática que foi construída através das vivências com seus alunos, dos seus próprios professores quando ele se encontrava no lugar de aluno, de todos os seus estudos ao adentrar nas teorias, enfim, através de todos os momentos já vividos.

Assim, resgatar a história de vida tem sido a saída para colocar este professor em contato consigo mesmo na re-significação de sua prática.

Não se pode negar a subjetividade do professor em espaços de formação e principalmente deve-se ter em mente que não existe um modelo pronto do bom professor; cada um, à partir de suas possibilidades e dificuldades, irá encontrar o caminho do exercício de sua profissão.

Ser professor é buscar sua própria autoria sem dispensar os modelos antigos, pois eles constituem parte de nossas matrizes pedagógicas. Mas, é buscando dentro de si mesmo, escolhas e verdades, e proporcionando momentos de reflexão e imaginação, que a permissão para a educação se consolida.

Este caminho, segundo FURLANETTO (2002, p.166), é orientado pela arte de transitar nos atributos da interdisciplinaridade dos espaços de formação, no qual as fronteiras externas se abrem em parceria com as internas, tornando o docente mais plástico em seu fazer.

Confesso que, ao aproveitar a parceria de tantos mestres, somente me resta assumir a condição de uma professora aprendiz, que se forma à partir de cada leitura, de cada olhar.

Formo-me enquanto docente, bailarina, aluna, mãe, mulher... Enfim, formo-me a cada segundo.

Uma certeza eu tenho: estou cumprindo com a responsabilidade de formar-me, tanto pessoalmente quanto profissionalmente; porém, este processo é para a vida inteira, nunca será finito.

Convictamente, o Mestrado foi meu melhor momento de edificação: desconstruí crenças para redimensioná-las com mais vigor e amplitude. Aqui, descrevo meu carinho especial por esta pesquisa, que sai de minhas entranhas, faz parte do meu corpo, do meu dançar com a vida.

A oportunidade de conhecer os caminhos da formação docente ofereceu-me a certeza de inúmeras possibilidades, e com muita responsabilidade assumo o compromisso de sempre buscar conhecimentos novos e transmutar o meu Fazer Docente, para alucinar meus alunos e possibilitar que eles também dançam com a vida.

Formar-se professor faz *toda* a diferença no ato da docência, por nos permitir acreditar, sonhar, refletir, construir, lutar e abandonar a postura estática frente à vida. Permite dançar ao longo de sua história e reencontrar valores perdidos dentro de si mesmo.

É indispensável valorizar a Formação Docente em Fisioterapia, mas devo admitir que observo mais uma possibilidade de construção para a identidade docente, algo que defendo desde o início de minha história e que descrevi nesta pesquisa.

Os espaços de Formação do Docente de Fisioterapia para a Fisioterapia devem agregar os valores da Dançaterapia. É preciso redimensionar o conceito de corpo na Fisioterapia.

É importante aceitar que o professor também se encontre à partir do querer, do sentir e do vivenciar, um verdadeiro mergulhar na Interdisciplinaridade, porém com um toque de alteridade.

As vivências possibilitam marcas diferenciadas, se aprende mais sobre a vida; é de suma importância a abertura de espaços para se trabalhar o lado emocional dos docentes dentro destes processos formativos.

O corpo carrega registros temporais e psíquicos da sua própria história, e transmite a sensação de existir quando penetramos em sua interioridade, bem como dizia BOIS e RUGIRA (2006, p.32).

Precisamos colocar o corpo no lugar devido dentro do processo de formação – no centro da aprendizagem.

Segundo BOIS e RUGIRA (2006, p.36), o corpo reconquista a temporalidade e reativa momentos e emoções da história de vida, pois como poderemos ter história de vida sem uma relação com o corpo?

A vivência com a dança pode mediar o encontro com o que eu sou hoje, o que eu fui e o que tendo a ser, e isto é essencial para a história de vida.

Como já dizia FURLANETTO (1997, p.20), se o mundo matriarcal for resgatado e integrado com o patriarcal, os professores poderão compreender novas maneiras de se fazer pesquisa e de produzir conhecimento.

O processo de Formação Docente necessita considerar as vivências como desencadeadoras de aprendizagem, pois ao vivenciar, o professor acabará por se encontrar.

Meu maior sonho é trabalhar com a corporeidade dos docentes, auxiliá-los a encontrar os seus valores à partir do transmutar de seus corpos; acredito na necessidade de se intensificar este encontro dos docentes com a sua história de vida através da arte da dança.

Pode parecer uma proposta difícil fazê-los dançar, mas também não se sabe como seus símbolos se projetarão nesta dança; talvez ela seja o encontro com o sonho de uma docência mais digna, talvez ela desperte gigantes adormecidos através da emoção.

Não se esqueça que até mesmo no silêncio do corpo, conseguimos dançar, basta querer. Talvez ao experimentar os limites físicos de seu corpo e identificar possibilidades de movimento diferentes, alguns consigam fortificar seus ideais de fisioterapeuta, consigam construir com mais força suas histórias de vida.

Talvez esta dança exemplifique a característica rigidez da humanidade frente a mudanças, a falta de flexibilidade diante do cotidiano; talvez ela demonstre que é preciso ser paciente e agente em tempos distintos, que é preciso transmutar o olhar para o aluno.

Este cenário da Fisioterapia merece mudanças e parcerias, sempre benéficas para alunos e pacientes - afinal, é através delas que temos força para edificar nossos sonhos.

É preciso saborear mais a magia das vivências nos espaços de formação docente; é preciso entregar-se à arte do corpo.

CONCLUSÃO

É com muita honra e gratidão que chego até aqui, porque acredito ser este um final, e não o fim.

Fico feliz por terminar este trabalho com a certeza de que existem muitos parceiros que compartilham o mesmo ideal e acreditam no ensino diferenciado, pois são dotados de atitude interdisciplinar.

A hipótese deste trabalho, de que a Dançaterapia poderia contribuir na Formação do Docente de Fisioterapia, verificou-se por meio das vivências dentro do processo de Formação, para redimensionar o conceito de Corpo.

O corpo pede emoção e a Fisioterapia, por muitas vezes, trata apenas da razão, valoriza o corpo que atinge metas e corrige deficiências, se esquecendo de olhar para o sujeito a partir de suas potencialidades.

Este momento torna-se extremamente marcante, pois alio uma história de vida com a de uma docente que apenas se delicia com os primeiros encantos da profissão.

Foi determinante, no primeiro capítulo, lembrar minha história e perceber que tudo se parece com uma colcha de retalhos, na qual, cada parte foi se unindo, e cada instante coloriu um espaço no tempo e me construiu como sujeito.

O segundo capítulo tem um lugar especial nesta pesquisa - meu amor pela dança é infinito - fiquei muito contente em transpor para o papel o que sinto no palco juntamente com minhas emoções no encontro com tal expressão artística; além de ganhar a certeza de que minha história de vida pode ser compartilhada com a Fisioterapia.

O terceiro capítulo foi o alicerce para muitas descobertas, foi a resposta de muitas perguntas. Foi muito importante verificar que existem fisioterapeutas preocupados com a profissão docente, pois nos traz a certeza de mudanças.

O quarto capítulo foi um desafio, pois caminhei muito tempo nas minhas dúvidas. A ansiedade em obter respostas e respaldo teórico para as minhas crenças foi um grande processo de paciência e persistência, mas consegui encerrar este capítulo estreitando laços com a Fisioterapia a respeito deste novo conceito de corpo desenvolvido na Dançaterapia.

Agora, a grande problemática a enfrentar, será o desafio de desenvolver uma atitude interdisciplinar nos Docentes de Fisioterapia em relação a este novo conceito de Corpo.

Será preciso revisitar o velho, para reconstruir o diferente. Será preciso se entregar à sabedoria do corpo. Sonho com um grande evento para a Docência em Fisioterapia - o Simpósio sobre Docência, Memória e Corpo.

Assim, espero poder contribuir para a construção de muito mais sonhos a partir desta pesquisa, espero fazê-los dançar eternamente...

É assim que apresento o grande espetáculo; o espetáculo de acreditar, aprender, formar-se, acreditar e prosseguir perseguindo um sonho.

Referências Bibliográficas

ALVES, V.C.R. **A relação teoria e prática na Formação em Fisioterapia**. São Paulo, 2003. 146 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ENSINO EM FISIOTERAPIA (ABENFISIO). Disponível em <http://www.abenfisio.com.br>. Site acessado em 30/03/2005.

BARRETO, D. **Dança...: ensino, sentidos e possibilidades na escola**. Campinas: Autores Associados, 2004.

BATISTA, S.H.S.S. Formação. In: FAZENDA, I.C.A. (org.) **.Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. Relações sociais na sala de aula: desafios e perspectivas. In: MENESES, J.G. de C.; BATISTA, S.H.S.S. (org.) **Revisitando a Prática Docente – Interdisciplinaridade, Políticas Públicas e Formação**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, pp.85-100, 2003.

BRASIL. Ministério da Educação. **Parecer nº 388**, de 10 de dezembro de 1963.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Resolução: **Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Fisioterapia**. Brasília, 2001.

BRASIL. Ministério do Trabalho. Decreto-lei nº 938, de 13 de outubro de 1969. **Diário Oficial**, Brasília, 16 de outubro de 1969. (Seção 1. Provê sobre as profissões de fisioterapeuta e terapeuta ocupacional e dá outras providências).

BRASIL. Ministério do Trabalho. Lei nº 6.316, de 17 de dezembro de 1975. **Diário Oficial**. Brasília, 18 de dezembro de 1975. (Seção 1. Cria o Conselho Federal e os Conselhos Regionais de Fisioterapia e Terapia Ocupacional e dá outras providências).

BOIS, D. e RUGIRA, J.M. Relação com o corpo e narrativa de vida. In: Souza, E. C. de (org). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

BYINGTON, C.A.B. **A Construção Amorosa do Saber – O fundamento e a finalidade da Pedagogia Simbólica Jungiana**. São Paulo: Religare, 2003.

CÂNDIA, N.I.; ÁVILA, V.F. de . **Seis questões capitais em Formação de Professores**. Periódico do Mestrado em Educação da UCDB. Campo Grande – MS, n.16, p. 249-262, jul/dez. 2003.

CHAMLIAN, H.C. As histórias de vida e a formação do professor universitário. In: Souza, E. C. de (org). **Autobiografias, história de vida e formação: pesquisa e ensino**. Porto alegre: EDIPUCRS: EDUNEB, 2006.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Exame de Resolução COFFITO-8**. Brasília, 20 de fevereiro de 1978.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Exame de Resolução COFFITO-10**. Brasília, 3 de julho de 1978.

CONSELHO FEDERAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL. **Exame de Resolução COFFITO-80**. Brasília, 9 de maio de 1987.

CONSELHO REGIONAL DE FISIOTERAPIA E TERAPIA OCUPACIONAL – 5ª REGIÃO. **Leis e atos normativos das profissões do fisioterapeuta e do terapeuta ocupacional**. 2.ed. Rio Grande do Sul/ Santa Catarina, 2001.

FAZENDA, I.C.A. **Interdisciplinaridade: História, Teoria e Pesquisa**. 11.ed. Campinas, SP: Papyrus, 1994.

_____. Integração como proposta de uma nova ordem na educação. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO (ENDIPE). **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e no aprender**. 2.ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

_____. (org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. **Interdisciplinaridade – qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

FURLANETTO, E.C. **A Formação Interdisciplinar do professor sob a ótica da Psicologia Simbólica**. São Paulo, 1997. 216 p. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

_____. Fronteira. In: FAZENDA, I.C.A. (org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

_____. As dimensões interdisciplinares dos projetos. In: In: MENESES, J.G. de C.; BATISTA, S.H.S.S. (org.) **Revisitando a Prática**

Docente – Interdisciplinaridade, Políticas Públicas e Formação. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, pp. 72, 2003.

_____. **Como nasce um professor?: uma reflexão sobre o processo de individuação e formação.** São Paulo: Paulus, 2003.

HALL, S. **A identidade cultural na pós-modernidade.** 8ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

JOSGRIBERT, M. de F. V. Atitude. In: FAZENDA, I. C.A. **Dicionário em construção: interdisciplinaridade.** 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

JOSSO, M.C. **Experiências de vida e formação.** São Paulo: Cortez, 2004.

_____. Os relatos de história de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: Souza, E.C.de e ABRAHÃO, M. H. M. B. (org). **Tempos, narrativas e ficções: invenção de si.** Porto Alegre, EDUNEB, 2006.

MANOJO, F. A. **A Construção da Identidade Docente do professor de Fisioterapia.** São Paulo, 2004. 95p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo.

MARQUES, A. P. e SANCHES, E. L. Origem e evolução da fisioterapia: aspectos históricos e legais. **Revista de Fisioterapia da Universidade Cidade de São Paulo**. v.1, nº 1. São Paulo, jul/dez. 1994, p. 5-10.

MISUKAMI, M.G. Aprendizagem na Docência: Contribuições teóricas In: MISUKAMI, M.G. (org). **Escola e Aprendizagem da Docência – Processos de Aprendizagem na Docência**. São Paulo: Eduscar, 2002.

_____ . et.al. Formação de Professores: Concepção e Problemática Atual. In: **Escola e aprendizagem da docência: processos de investigação e formação**. São Paulo: Eduscar, 2002.

NICIDA, D. P. **A Interdisciplinaridade como um caminho para a formação do fisioterapeuta**. São Paulo, 2002. 140p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo.

PEREIRA, P. A. **O que é pesquisa em educação?** São Paulo: Paulus, 2005.

PIMENTA, S. G.; ANASTASIOU, L. das G. C. **Docência no ensino superior**. Coleção Docência em Formação, v.1. São Paulo: Cortez, 2002.

PINEAU, G. **Temporalidades na formação: rumos a novos sincronizadores**. cap.10-13, São Paulo: TRIOM, 2003.

_____. As histórias de vida como artes formadoras da existência.
In: Souza, E.C.de e ABRAHÃO, M. H. M. B. (org). **Tempos, narrativas e ficções: invenção de si**. Porto Alegre, EDUNEB, 2006.

PINTO, S. DE S. **O supervisor de estágio em fisioterapia: a formação do professor numa perspectiva interdisciplinar**. São Paulo, 2002. 99 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo.

RANGHETTI, D.S. Afetividade. In: FAZENDA, I.C.A. (org.) **.Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

REBELATTO, J. R. e BOTOMÉ, S. P. **Fisioterapia no Brasil: fundamentos para uma ação preventiva e perspectivas profissionais**. 2.ed. São Paulo: Manole, 1999.

REGO, S. **A Formação Ética dos Médicos: saindo as adolescência com a vida (dos outros) nas mãos**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2003.

ROSITO, M.M.B. Vivência. In: FAZENDA, I.C.A. (org.) **.Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

SILVA, F.O. **A Musicoterapia ministrada no meio aquático (piscina terapêutica) como proposta de tratamento nas barreiras específicas à**

aprendizagem presentes na Síndrome de Rett Clássica. São Paulo, 2000.

Trabalho de Conclusão de Curso – Universidade Cidade de São Paulo – Curso de Fisioterapia.

Referências Bibliográficas de apoio

BALLESTERO – ALVAREZ, M.E. **Mutatis Mutandis: Dinâmicas de Grupo para o desenvolvimento humano**. 3ªed. São Paulo: Papirus, 1999.

CONTRERAS, J. M. **Como trabalhar em grupo – Introdução à dinâmica de Grupos**. São Paulo: Paulus, 1999.

FAZENDA, I.C.A. Olhar. In: FAZENDA, I.C.A. (org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

FERNANDES, W.F. **Corpo: A linguagem que precisa ser interdisciplinarmente aprendida**. São Paulo, 2002. 75 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo.

FRIEDMANN, A. **Dinâmicas Criativas – Um caminho para a transformação de Grupos**. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

GABRIADES, R.H.N. O “Ser” professor iniciante no 3º grau. In: QUELUZ, A.G. (org). **Educação sem fronteiras: em discussão o ensino superior**. São Paulo: Pioneira, 1996.

GAETA, C. Olhar. In: FAZENDA, I.C.A. (org.). **Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

GONÇALVES, A.M.; PERPÉTUO, S.C. **Dinâmica de Grupos na Formação de Lideranças**. 8ªed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

LALANDE, A. **Vocabulário técnico e crítico da filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

MIRANDA, S. de. **Oficina de dinâmicas de grupo para empresas, escolas e grupos comunitários**. 12ªed. São Paulo: Papyrus, 1996.

_____. **Oficina de dinâmicas de grupo para empresas, escolas e grupos comunitários – v.2**. 6ªed. São Paulo: Papyrus, 2000.

NARDI, R.G. Olhar. In: FAZENDA, I.C.A. (org.) **.Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

OLIVEIRA, L.M.P.de. Olhar. In: FAZENDA, I.C.A. (org.) **.Dicionário em Construção: Interdisciplinaridade**. 2.ed. São Paulo: Cortez, 2002.

QUEIROZ, R.N. de (org). **Como ser eficaz em grupo? II – a integração no grupo**. São Paulo: Paulus, 1990.

RAMOS, J. R. S. **Dinâmicas, brincadeiras e jogos educativos**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

SANTOMÉ , J.T. **Globalização e Interdisciplinaridade**. Porto Alegre: Artmed, 1998.

SILVA, J.A.O. **Afetividade e formação de professores: Desvelando relações a partir das vozes dos professores**. São Paulo, 2005. 107 p. Dissertação de Mestrado. Universidade Cidade de São Paulo.

TATAGIBA, M.C.; FILÁRTIGA, V. **Vivendo e Aprendendo com Grupos – Uma Metodologia Construtivista de Dinâmica de Grupo**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.